

# REVISTA REDAÇÃO

08/06/2014 - Ed.23

## SOBRE A DOENÇA DE EXISTIR

"Nas visões de Schopenhauer  
e Zygmunt Bauman"



*Lucas Rocha*



## Sobre a doença de existir (MATÊUS RAMOS)

A vida do homem contemporâneo parece ser caracterizada por uma necessidade exacerbada de produção e consumo, que acaba nos levando a um estado de doença existencial. Em Schopenhauer e Zygmunt Bauman



**POR QUE** existem tantas pessoas com depressão, distúrbios de humor e tantas outras faces de uma mente em desequilíbrio? A tarefa não é fácil, mas, como hipótese, elegemos a maneira de vida contemporânea como um campo fértil para encontrar possíveis fatores propícios para criar um quadro do crescimento de tantas doenças neurológicas. De certa maneira, existir passou a ter pontos em comum com adoecer, e a existência pode passar a ser percebida como doença.

O modo de viver moderno é caracterizado pelo desenvolvimento cada vez mais rápido no qual a tecnologia, a cada dia, supera a si mesmo. O *homo faber* se vê, cada vez mais, diante da necessidade de acompanhar o avanço tecnológico e o desenvolvimento do mercado. Enfim, temos de produzir. Então, quando se observa nosso modo de viver, pode-se dizer que cresce o número de pessoas com estresse, depressão e tantas outras síndromes. Por meio da análise da Neurociência, da Psicologia, da Psiquiatria e da Filosofia, é possível aprofundar a reflexão do impacto da modernidade sobre a mente humana.

O ambiente é um fator que pode influenciar modificação genética dos transtornos mentais. Uma pesquisa realizada em Bruxelas, Bélgica, apresentou que 29% dos pacientes possuidores do transtorno bipolar, quando não tratados, corriam risco de vida. Os Estados Unidos gastam anualmente em torno de U\$ 12,4 milhões no tratamento de doenças psiquiátricas. No Brasil, por exemplo, a esquizofrenia afeta cerca de 1% da

população. E o aumento do número de informações pode ser um dos fatores para o início dos muitos problemas já citados.

Assim, primeiramente é necessário analisar um quadro geral de uma visão crítica do progresso na nossa sociedade. Em seguida, o estudo caminha para questionar o contexto contemporâneo sob a óptica da sociedade do consumo, e o que ela fornece para criar um indivíduo existencialmente doente.

Conseqüentemente, ocorrerá o uso das descobertas da Neurociência, da Psicologia e da Psiquiatria, para tornar a análise mais concreta, apontando de maneira mais clara as conseqüências da modernidade na mente ou no cérebro humano.

**NAS SOCIEDADES ATUAIS, OCORRE UMA BUSCA INCESSANTE PARA PREENCHER O TEMPO COM COISAS, BUSCANDO UM SENTIDO DE EXISTIR POR MEIO DO TER, E NÃO DO SER**

## A INSUSTENTÁVEL SOCIEDADE DO CONSUMO

**Somos consumidores, e isso é fato! Convido você a parar e perceber a si mesmo como consumidor: O que você consome? Quanto consome? E o que consome é, de fato, o necessário?**

Nas sociedades contemporâneas, principalmente nas ocidentais, ocorre uma busca incessante para preencher o tempo com coisas, buscando um sentido de existir por meio do ter, e não do ser, uma vez que bens materiais não melhoram relacionamentos ruins.

São pensadores como Zygmunt Bauman (1925) e Jean Baudrillard (1929-2007) que elucidam as linhas que seguem: a expressão "sociedade de consumo" de ne uma sociedade característica na qual a oferta geralmente excede a demanda. Nessa sociedade, Bauman postula que, de um lado, há a mercadoria como centro das práticas cotidianas e, de outro, uma constante orientação para que o modelo de comportamento seja sempre direcionado para o ato de consumir. Segundo Baudrillard, o consumo, na qualidade de nova modalidade de vida, transformou-se na moral do mundo contemporâneo. Assim, a maneira como vivemos define-se pela forma como consumimos, levando a reconstrução das relações humanas a partir do padrão e semelhança das relações entre os consumidores e os objetos de consumo. É a transformação dos consumidores em mercadorias.

Outra característica é que somos diariamente bombardeados por estratégias de marketing agressivas somadas à facilidade de crédito. Não seria arriscado dizer que "comprar é fácil, difícil é existir!". Ocorre que, em uma sociedade consumista, paga-se um alto preço: ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro "ser" mercadoria. Logo, o ser humano contemporâneo é transformado em *homo consumens*, mergulhado em um mar de mercadorias e ofertas, acaba por se misturar a elas. Há, portanto, um tipo de consumismo impulsivo, descontrolado, irresponsável, e não poucas vezes irracional: "A busca por prazeres individuais articulada pelas mercadorias oferecidas hoje em dia, uma busca guiada e a todo tempo redirecionada e reorientada por campanhas publicitárias sucessivas, fornece o único substituto aceitável - na verdade, bastante necessitado e bem-vindo - para a edificante solidariedade dos colegas de trabalho e para o ardente calor humano de cuidar e ser cuidado pelos mais próximos e queridos, tanto no lar como na vizinhança".<sup>1</sup> BAUMAN, 2008, p. 154



**Segundo Bauman, a busca pela felicidade plena por meio do consumo é ineficiente, mesmo depois de inúmeros bens materiais adquiridos**

Logo, a noção de felicidade é gestada no útero de uma sociedade consumista, que gera seres iludidos com promessas do mercado, que geralmente levam a decepções. O esforço do consumo permanece como uma utopia para alcançar o idealizado. A responsabilidade pela tentativa do tal "êxito" recai somente sobre o indivíduo, muito embora o estilo de mercado seja esmagador e mitigado com suas propagandas. O mercado cria as condições, mas não se responsabiliza pelas consequências, como se o sujeito fosse autônomo em suas escolhas, quando é vorazmente influenciado para a compra. Ao adquirir um objeto de desejo, não se alcança a felicidade, e a frustração recai sobre o indivíduo.

A felicidade, então, está intrinsecamente vinculada à possibilidade de consumir: "(...) o miraculoso do consumo serve (...) de sinais de felicidade".<sup>2</sup> A pergunta que fica é: é preciso vestir uma roupa nova a cada festa? Quantos pares de sapato precisamos comprar para nos sentirmos saciados? Qual computador mais avançado devo obter para estar na frente, como numa corrida para ver quem consome mais? Isso significa, basicamente, uma sociedade que busca imitar os que mais consomem para atrair atenção. O risco está no fato de que aquele que consome acreditando que obteve a felicidade pode não encontrá-la, e pode cair em um vazio existencial que só um novo consumo pode resolver (?).<sup>2</sup> BAUDRILLARD, 1995, p. 22

O consumo não é entendido somente como uma maneira de chamar atenção, mas também como um meio de fuga de uma vida estressante, cheia de conflitos, traumas... de uma vida vazia. O império do mercado re-flete-se na crescente *comercialização* das relações humanas. E ela desemboca em um dualismo antropológico que sempre traz consigo o fenômeno de dupla personalidade: conflito no próprio homem entre o papel de produtor e o de consumidor, e a antiga unidade entre o homem e a natureza, própria da civilização agrícola, é destruída pela civilização industrial. Uma O império do mercado re-flete-se na crescente comercialização das relações humanas. E ela desemboca em um dualismo



**Na sociedade atual, somos levados a consumir desenfreadamente, de forma a mostrar um determinado status social**

antropológico que sempre traz consigo o fenômeno de dupla personalidade: con-flito no próprio homem entre o papel de produtor e o de consumidor, e a antiga unidade entre o homem e a natureza, própria da civilização agrícola, é destruída pela civilização industrial. Uma competição feroz orienta a vida de homens e mulheres, deixando de lado valores tais como a solidariedade, a colaboração, entre outros. Naturalmente, quem não pode consumir é deixado de lado, está à margem.

O grande problema é que, sendo mercadoria, o consumidor consome a si mesmo, sua vida, seu cotidiano. "Consome-se" trabalhando para poder consumir o que o mercado apresenta e acaba por esquecer que ele é a mercadoria primeira desse sistema. Portanto, nossa sociedade é insustentável, pois é contraditória, destrói a si mesma, gerando indivíduos frustrados, viciados em *shoppings*, doentes por consumir. E o grande problema é que tal comportamento consumista passa a fazer parte do nosso relacionamento não só com as coisas, mas também com as pessoas, já que, sendo elas mercadorias, precisam ser consumidas para poder consumir, cada indivíduo se devorando um a um. Passa-se a tratar as pessoas como se tratam as mercadorias, o ser humano está cada vez mais sendo objetificado. Então, temos um grande espaço aberto para todo tipo de doenças advindas da impossibilidade de consumir e sobreviver ao nível de uma sociedade vorazmente consumista.

Serge Latouche (1940) apresenta uma colocação muito interessante acerca desse problema, destacando que "nossa sociedade amarrou seu destino a uma organização baseada na acumulação ilimitada. Esse sistema está condenado ao crescimento. Quando há desaceleração ou parada de crescimento, vem a crise ou até o pânico".<sup>3 3</sup> LATOUCHE, 2009, p. 17



**O consumismo ultrapassou a esfera das coisas inanimadas e alcançou a esfera das relações interpessoais**

espécie de narcisismo. Sucesso: a única razão de ser do indivíduo narcisista. Não só o sucesso, mas a aparência de sucesso, o reconhecimento da plateia como tal. Para Lasch, o narcisista representa a dimensão psicológica dessa dependência. Não obstante, em suas ocasionais ilusões de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua autoestima. Tal análise nos indica que vivemos em tempos nos quais nossa individualidade depende da aprovação dos outros, nosso mundo interior não tem tanto prestígio: (...) porque o crescimento e o desenvolvimento pessoal se tornaram tão árdios de serem atingidos; porque o temor de amadurecer e de car velho persegue nossa sociedade; porque as relações pessoais se tornaram tão instáveis e precárias; e porque a 'vida interior' não mais oferece qualquer refúgio para os perigos que nos envolvem".<sup>4</sup> O que caracteriza esse comportamento humano é a superficialidade emocional, uma pseudoauto percepção, assim como o horror à velhice e à morte, restando uma preocupação com a sobrevivência de si.<sup>4</sup> LASCH, 1983, p. 37

### **SOBRE A CULTURA DO NARCISISMO**

Na sociedade de consumo, o existir está totalmente atrelado ao adoecer, tal hipótese pode ser corroborada por meio de uma análise do narcisismo. A sociedade atual estimula a cultura do narcisismo, pois cada vez mais competimos por um "lugar ao sol" em um mundo que não oferece espaço para todos. As exigências do sucesso provocam enormes desgastes e levam as pessoas a se sentirem obrigadas a atingir objetivos impostos pelo mercado, e a terem que ultrapassar a todo custo suas limitações, indo muitas vezes além do que podem. E assim cria-se uma batalha interior entre o "eu real" e o "eu idealizado", entre o que eu sou e o que eu sonho ser. Consequentemente, a concepção de ser humano é pautada por ter e por aparentemente ser o que esperam de nós.

Christopher Lasch (1932-1994) é considerado um grande crítico do modelo de vida próprio das sociedades industriais. É na sua obra, *A cultura do narcisismo*, que demonstra sua crítica à sociedade atual, argumentando que existe, de certa maneira, um desinteresse pelo mundo exterior, exceto na medida em que ele serve como fonte de gratificação. Temos, então, uma busca de autoidentidade, uma

### **O pessimismo de Schopenhauer**

Sob a óptica de Schopenhauer, queremos a felicidade como uma realidade total da vida humana, e esse é um dos fatores que nos causa a infelicidade, pois nem a vida humana em sua totalidade pode oferecer tal realização. Eis porque vemos tanta existência adoecendo: "Não vemos a felicidade como ela é". A realização do indivíduo precisa ser vista e compreendida como um todo, o que vai de encontro à perspectiva atual, em que, para ser feliz, o indivíduo precisa se colocar contra o todo. Nisso se detecta a felicidade, pois estamos, boa parte do tempo, agindo contra o todo. Algo que parece tão comum nem sempre é assimilado com facilidade. A infelicidade vem da busca incessante de uma vida sem sofrimento. Porque a realidade em si não é só alegria. O sofrimento caminha de mãos dadas com nossa existência, e aceitar isso é uma maneira de não adoecer por existir. Assim, o sofrimento não é a dor da qual sempre devemos fugir. Não há como fugir da dor. E isso implicaria encarar a dor.

A preocupação de uma sociedade de consumo, desvinculada do passado e do futuro, fixa sua atenção no aqui e no agora. Formam-se, então, indivíduos com medo de se perderem, que se agarram na busca frenética de uma identidade que lhes satisfaça e que lhes permita serem percebidos. O produto dessa sociedade não se percebe como parte da História, e não se sente insegurança por causa apenas de questões econômicas, mas principalmente do medo de não conseguir ser, existir: "a ética da autopreservação e da sobrevivência psíquica está, então, radicada não meramente nas condições objetivas da guerra econômica, nas taxas elevadas de crimes e no caos social, mas na experiência subjetiva do vazio e do isolamento".<sup>5</sup> Idem, p. 77

A consciência de Narciso é o espelho, transparente, líquido... e tão externo a ele. Os gregos antigos conseguiram evidenciar a imagem que se destacaria no homem dos tempos pós-modernos: aquele que se perde na contemplação do objeto procurando no próprio sujeito acaba por perder-se na procura de si mesmo. O que chamamos aqui de ética da sobrevivência.

Outro fator emulsionante é a mídia, que, por meio do bombardeamento de propagandas, incentiva a sobrevivência do "eu", potencializando os sonhos narcisistas, sendo eles,

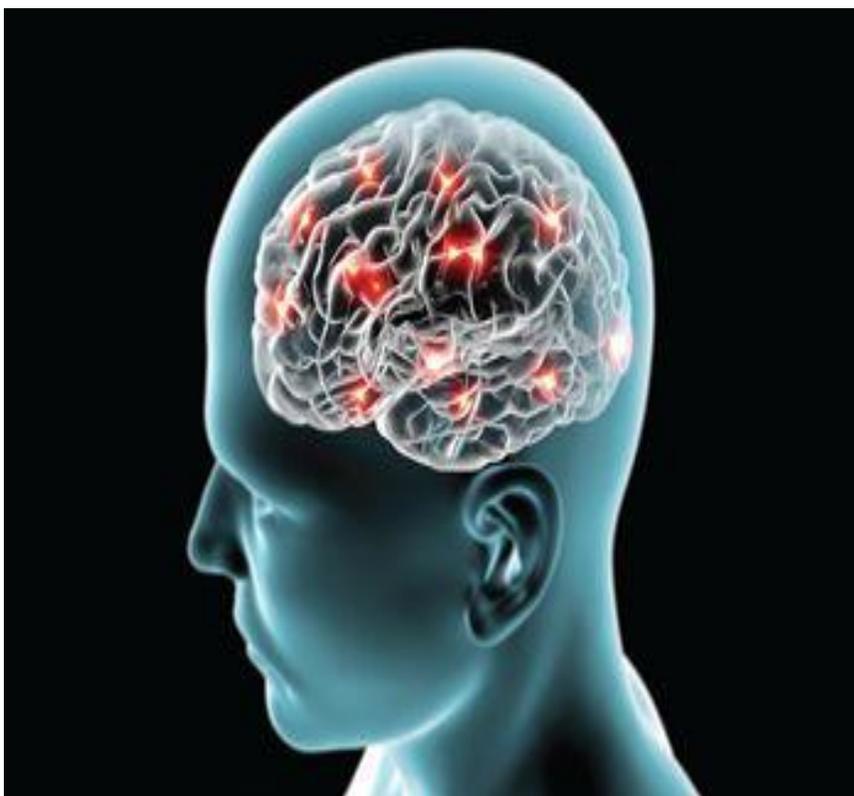
os sonhos de fama, sonhos de glória, voltando cada vez mais o olhar para o alto, para as estrelas, para um mundo que o livre da maldição da contingência, fugindo sempre mais da realidade. É como se todas as pessoas tomassem por pensamento que a felicidade é um estado contínuo e um direito que, ao nascer, todos nós ganhamos, sendo que ela é instável e está para ser conquistada em meio a um mundo caracterizado pela mudança, pela instabilidade e por sua multiplicidade de expressões.

### **A SAÚDE PSÍQUICA E O MODELO DE VIDA ATUAL**

Não é arriscado dizer que a depressão é uma das principais manifestações do sofrimento psíquico no ser humano contemporâneo, sendo aceitável a referência de que vivemos na "era das depressões", comparando com o final do século XIX, marcado pela histeria.

Podemos citar o último relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS), que indica que a depressão está em 4º lugar entre as principais causas de ónus entre todas as doenças. Se tal quadro se perpetuar, teremos em 2020 a depressão em 2º lugar. Em escala mundial, unicamente a doença isquêmica cardíaca estará à frente.

Em Psiquiatria, o termo depressão é utilizado para fazer referência aos transtornos de humor, podendo ter momentos irritáveis na maior parte do dia. Os pensamentos negativos fazem parte do quadro clínico da Psiquiatria, como o sentimento de culpa, sentimento de inutilidade, diminuição do prazer nas atividades cotidianas.



**O aumento de stresse acarreta na diminuição da arborização dos neurônios, causando até mesmo a morte neuronal**



**A FELICIDADE NÃO É UM DIREITO QUE, AO NASCER, GANHAMOS; ELA É INSTÁVEL E ESTÁ PARA SER CONQUISTADA EM MEIO A UM MUNDO CARACTERIZADO PELA MULTIPLICIDADE**

O grande problema é que o estilo de vida atual é caracterizado por uma imensa pressão nas capacidades humanas, o que culmina em um constante estado de *stress*, fator forte no desenvolvimento de doenças psíquicas.

Essas exigências podem se tornar fatores de características estressantes, especialmente os de origem psicossocial, que são acentuados por autores como Joca, Padovan e Guimarães, argumentando que cerca de 60% dos casos dos episódios depressivos são precedidos por situações estressantes, seja no trabalho, na família etc.

Elementos em excesso como culpa, mágoa, traumas, stresse, frustração podem desencadear um quadro clínico de depressão, no qual um dos sintomas mais clássicos é a anomia, uma perda de vontade de realizar atividades que antes eram praticadas com disposição. O sujeito doente passa a ver o mundo de forma negativa na maior parte do tempo; as doenças psicossomáticas são efeitos colaterais da pós-modernidade.

Sob a perspectiva da Psicanálise, percebemos que a realidade externa não tem grande participação na formação do sintoma. No caso da depressão, ela seria advinda de conflitos internos entre o *Id*, o *Ego* e o *Superego*. O meio externo seria apenas um fator que desencadearia tal melancolia.

Para a Psicologia, o fundamento da depressão seria o encontro do "eu" com a realidade, como as relações familiares, as relações do indivíduo com a sociedade, no qual dificuldades demasiadamente sofridas desencadeariam tal processo. Essa é a posição tomada não de maneira unilateral, mas um ponto de vista que não exclui os outros.

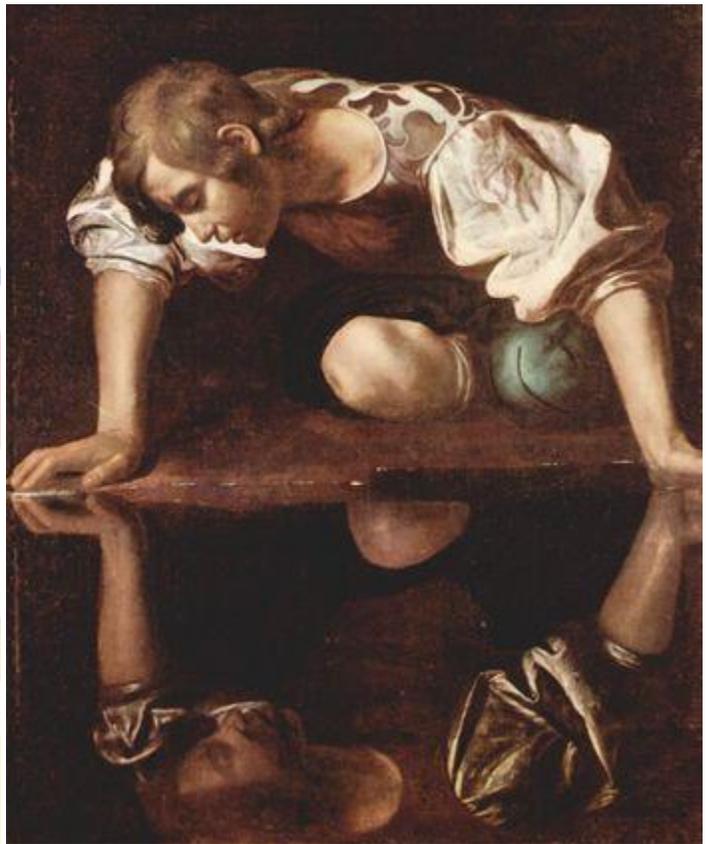
O conflito entre o *eu real* e o *eu ideal* parece ser um chão profundo para tal análise, especialmente em uma sociedade narcísica, uma vez que não há como o ser humano escapar do seu contexto sociocultural, pois nesse contexto ele constrói sua subjetividade. Assim, esse tema serve como uma crítica à sociedade contemporânea industrializada, mecanicista, consumista, indicando um caminho no qual se tem gerado um grave empobrecimento emocional e ético dos indivíduos.

Muito embora existam relatos de casos na Antiguidade, a depressão parece ser um quadro muito mais específico de nossa realidade, caracterizada pela liquidez nos relacionamentos, especialmente na óptica das mudanças sociais.

O indivíduo é tomado pela frustração de não atingir as exigências impostas a ele, gerando um vazio existencial. A sociedade contemporânea realiza uma exigência geralmente desproporcional às capacidades humanas. Surge, então, o ser humano preso ao que "perdeu" por não ter atingido o ideal, tornando-se nostálgico e deprimido.

Percebemos, então, relações frágeis, super ciais, em que há certa supervalorização da imagem, de tal maneira que as diversas formas nas quais ocorrem o sofrimento psíquico estariam estritamente correlacionadas, re-fletindo, assim, uma sociedade em que impera o espetáculo do narcisismo.

Sob a análise de Solomon, um estudioso da área da Psiquiatria, a concepção de interação entre gene e ambiente não era tão difundida até meados do século XX. Tal abordagem advém de uma leitura cartesiana, na qual a natureza seria dividida entre mente e corpo, deixando a responsabilidade do problema psíquico para áreas da Química, por exemplo. Assim, a depressão não tinha conotação externa, mas apenas consequências de implicações no plano genético e químico, o que isentaria a pessoa da responsabilidade para impedir o desencadeamento da doença. Assim, o tratamento seria direcionado para o uso de drogas que agissem nos neurotransmissores, abrindo espaço, então, para a psicofarmacologia. A



**Narciso é um personagem da mitologia grega que se considerava o mais belo dos belos. Um deus que morreu afogado às margem de um rio ao contemplar sua beleza refletida na água**



**A busca frenética pela felicidade idealizada faz com que muitas pessoas apelem para o uso de ansiolíticos apenas como uma "fuga", pelo fato de não estarem dispostas a lidar com as dificuldades do dia a dia**

pessoa seria vista como vítima da natureza: "Um interesse social em dizer que a depressão é causada por processos químicos internos que estão de algum modo além do controle do afligido. É nesse contexto que os remédios antidepressivos se tornaram tão populares. Se sua função é interna e relativamente incompreensível, devem afetar algum mecanismo impossível de controlar através da mente consciente. É como ter um motorista: você simplesmente se sente relaxado no banco de trás e deixa alguém enfrentar os desafios dos sinais do trânsito, policiais, mau tempo, regras e desvios por você".<sup>6</sup>

<sup>6</sup> SOLOMON, 2002, p. 307

Desse modo, a Neurociência teria papel fundamental diante de tal perspectiva, "é importante observar que as Neurociências pretendem construir uma leitura do psiquismo de base inteiramente biológica. Com isso, o funcionamento psíquico seria redutível ao funcionamento cerebral, sendo este representado em uma linguagem bioquímica. Enfim, a economia bioquímica dos neurotransmissores poderia explicar as particularidades do psiquismo e da subjetividade".<sup>7</sup>

<sup>7</sup> BIRMAN, 2001, p. 181-182

Porém, as diversas abordagens no uso de drogas antidepressivas são tão passíveis de erro quando as reflexões provenientes da Psicologia. Em ambas as áreas, há concordâncias e discordâncias. A posição aqui tomada não é de negar a importância da Psiquiatria e a utilização de remédios, mas de entender que a Psiquiatria necessitaria ser muito mais um auxiliar da Psicologia do que da Medicina. Por isso, levantamos possíveis fatores que poderiam desencadear esse processo que, por um lado, estaria na constituição biológica da pessoa, e, por outro, que seriam potencializadas por características contemporâneas do modo de viver.



### **SEGUNDO SCHOPENHAUER, A FELICIDADE NUNCA É ATINGIDA EM SUA TOTALIDADE, TENDO OS SERES HUMANOS APENAS ACESSO A PEQUENOS INSTANTES DE FELICIDADE**

Nota-se, portanto, que esse transtorno apresenta sintomas relacionados com os fatores psíquicos, orgânicos, hereditários, sociais, econômicos, religiosos, entre outros, levando a um sofrimento que modifica consideravelmente a qualidade de vida.

#### **EXISTIR E ADOECER**

Hoje, ninguém tem o direito de sofrer! Em alguns diálogos, há a ideia de que existir nos traz dúvidas, pois o próprio ato de pensarmos sobre nossa existência faz-nos descobrir realidades que nos machucam ao entrarmos em contato com experiências armazenadas em nossa memória. Então, poderíamos chamar a existência de doença? Poderíamos pensar a existência como doença?

O filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860), mais precisamente em sua obra *O mundo como vontade e representação*, explicita que a vontade é apenas uma força das expressões da vida, e nenhuma felicidade pode ser duradoura. A vida, por sua vez, move-se como um *pêndulo*, entre a dor e o aborrecimento. A vontade tem como função perpetuar a vida, que tem como núcleo base o sofrimento. Sob esse prisma, o ideal ético seria a negação da vontade. Logo, não ser seria mais importante do que ser, e a felicidade seria meramente efêmera, jamais eterna.

Para compreender esse pensamento, devemos entender o seu contexto: Schopenhauer escreveu tendo como pano de fundo um século de miséria, advindo do lado negativo da industrialização e da decadência da Ciência no seu projeto iluminista. Para fins didáticos, devemos nos atentar para a palavra *weltschmerz*, que, em português, poderia ser compreendida como "a dor do mundo", "a dor de existir".



**Para Schopenhauer, a existência é uma fonte inesgotável de sofrimento, pois, considerando que os seres humanos são escravos de seus desejos, ao satisfazer um, outro surge, de modo que vivemos permanentemente insatisfeitos**



### **A depressão simbolicamente representa o fracasso do sujeito na participação da cultura do narcisismo**

do real. Contudo, o que analisamos é que a vida como doença é uma característica contemporânea, uma vez que as realizações mais íntimas são deixadas de lado pela adequação a um modelo de uma sociedade consumista e narcisista.

A depressão, portanto, está relacionada também com o contexto social de cada época. O indivíduo passa a ser visto como um objeto, que compra e é comprado, tomado pelo sistema, que toma seu tempo para fazer do trabalho o ideal de vida, para fazer que sua individualidade dependa sempre da aprovação dos outros, imerso em uma sociedade narcisista. Ele é, portanto, sempre um "outro", nunca um "eu".

A depressão situacional é caracterizada primordialmente por circunstâncias de con-flito, configurando uma situação que apresenta a característica essencial da relação existente entre a pessoa e seu ambiente, tendo como causas a situação con-flitiva eu/mundo e a sobrecarga emocional, proveniente de um ambiente demasiadamente exigente, levando ao isolamento ou inatividade. Tal indivíduo vive longe da realidade da vida, uma vida contingente, onde vida e morte são matérias normais do cotidiano. Em que sofrimento e alegria são faces da mesma moeda, da moeda da existência. Aceitar isso é afirmar a vida, a afirmação de si mesmo. Aceitar a vida como ela é.

### **REFERÊNCIAS**

- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Vida para o consumo: a transformação das pessoas em consumo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CALLIGARIS, C. **Crônicas do individualismo cotidiano**. São Paulo: Ática, 1996.
- CORRÊA, A. A Fenomenologia das depressões: da nosologia psiquiátrica clássica aos conceitos atuais. **Psiquiatria Biológica**, p. 61-72, 1995.
- COSTA, J. F. **Violência e Psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- COUTINHO, M. P. L. **Depressão infantil: uma abordagem psicossocial**. 2. ed. João Pessoa: Editora da Universidade Federal da Paraíba, 2005.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997
- FUKS, M. P. Mal-estar na contemporaneidade e patologias decorrentes. **Psicanálise e Universidade**, 1999.
- JOCA, S. R. L., PADOVAN, C. M.; GUIMARÃES, F. S. Stress, depression and the hippocampus. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 25, n. 2, p. 46-51, 2003. Retrieved September, 2006. Disponível em: [http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br)
- LASCH, C. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1983.
- \_\_\_\_\_. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LATOUCHE, Serge. **Pequeno tratado do decrescimento sereno**. Trad. de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001: saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Geneva: MS, 2001.
- ROUDINESCO, E. **Por que a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- SCHOPENHAUER, A. **O mundo como vontade e representação**. Tomo IV. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.
- SOLOMON, A. **O demônio do meio-dia: uma anatomia da depressão**. Trad. de M. Campello. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

---

**MATÊUS RAMOS CARDOSO** é especialista em Ética pela Fino (Faculdade Noroeste de Minas). Especialista, também, em Ciências da Religião pela Universidade Cândido Mesmdes – RJ. Professor da Escola E.E.M. "Macário Borba", Sombrio – SC. **Revista FILOSOFIA, Junho de 2014.**

## Freud salva (AMANDA MASSUELA)



**Presente na dinâmica dos cultos evangélicos, a psicanálise chega aos púlpitos, onde ganha aura de “divina”, mas perde conteúdo**

**NUMA** noite chuvosa de quarta-feira, desci do ônibus na rua Brigadeiro Luis Antônio, região central de São Paulo, quase em frente a uma das unidades da Igreja Universal do Reino de Deus situadas na capital paulista. No portão, uma senhora e dois jovens distribuíam exemplares da Folha Universal, periódico evangélico que circula semanalmente por todo o país há vinte e um anos. Ela estendeu o jornal e convidou-me a voltar “qualquer dia desses para conhecer a palavra de Deus”.

Respondi que estava prestes a fazer isso. “Entre que o Senhor vai te abençoar, querida”, disse sorrindo. Entrei.

O salão, muito amplo, ainda estava vazio. Algumas crianças corriam de um lado para o outro e uma música ambiente melancólica ecoava das caixas de som. Ocupei uma das cadeiras ao fundo e, antes que pudesse me dar conta, quando o pastor alcançou o púlpito alguns minutos depois, quase todos os assentos já estavam tomados por pessoas de todas as idades. Acompanhado por um jovem no teclado, ele iniciou a pregação enquanto os fiéis sibilavam suas orações de olhos apertados e braços estendidos para o alto. “Conversem com Deus, não tenham vergonha da pessoa que está ao seu lado”, incentivava aos gritos no microfone. O relógio se aproximava das oito da noite.

Como eu descobriria mais tarde, aquele era o dia de “cuidar do espírito”. Depois de ler um trecho da Bíblia (João 1:3) e de explicar didaticamente cada passagem, o pastor afirmou que quando ele mesmo decidiu “se apresentar como filho de Deus e se batizar nas águas”, livrou-se de doenças do espírito. O mesmo aconteceria àqueles que escolhessem tomar o seu exemplo e seguir pelo mesmo caminho.

A Universal do Reino de Deus é a maior entre as igrejas neopentecostais existentes no Brasil. Segundo o Censo Demográfico de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ela reúne mais de 1,8 milhão de fiéis espalhados por todas as regiões do país. Fundada em 1977 pelo bispo Edir Macedo num subúrbio do Rio de Janeiro, faz parte do movimento das igrejas evangélicas surgidas no final dos anos 1970, que se distanciam do pentecostalismo tradicional, principalmente porque pregam a prosperidade como via de aproximação com Deus. Além disso, são conhecidas por dividir o mundo e as coisas entre bem e mal, encarnados nas figuras de Deus e do diabo.

Naquela quarta-feira à noite, perdi as contas de quantas vezes o pastor evocou a imagem do diabo para representar todos os males existentes na Terra. Mas num momento específico, ele decidiu falar sobre males mais concretos, muito contemporâneos, e comumente associados a tratamentos psicoterápicos, psicanalíticos ou mesmo psiquiátricos: o medo e a síndrome do pânico. “Grande parte das igrejas neopentecostais se pretende especializada no cuidado de três conhecidos ‘problemas’ humanos: a saúde, o amor e o dinheiro”, diz o psicanalista Wellington Zangari, doutor em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e vice-coordenador do Laboratório de Psicologia Social da Religião do Instituto de Psicologia da USP. “Para alguns pastores, não importa se existem médicos, psicólogos e outros profissionais de saúde para lidar com questões de doença. Há sempre uma interpretação bíblica para oferecer e vender saúde”.

O psicanalista enxerga nas religiões contemporâneas uma nova vertente do sincretismo, o “sincretismo de atribuição de causalidade”, na qual as causas dos sofrimentos humanos podem ser compreendidas “ao gosto do freguês” – psicanaliticamente, psiquiatricamente, historicamente. “É quase como se os pastores dissessem: ‘Sim, você pode estar sofrendo porque há um problema na transmissão de serotonina em seu cérebro ou porque você não resolveu adequadamente o Édipo, mas aqui a cura é feita por Deus e, portanto, é muito mais poderosa!’.” Mas ele assinala que tal postura não é compartilhada por parte considerável das igrejas evangélicas históricas.

A estratégia das igrejas neopentecostais e de seus pastores, segundo Zangari, tem sido a da assimilação, reinterpretção e incorporação dos diversos discursos presentes na cultura. Inclui-se aí o discurso da psicanálise, que cada vez mais é objeto de estudo por parte dos próprios pastores evangélicos – tanto neopentecostais, quanto pentecostais (batistas, presbiterianos e metodistas). “O diabo e a repressão convivem amistosamente, lado a lado. As figuras noosográficas da psiquiatria e da psicanálise, como a depressão, a melancolia e a fobia, são recebidas de braços abertos e ‘tratadas’ à luz de uma leitura particular do evangelho”, afirma.

## Teoria e prática

Izilmar Finco é pastor batista desde 1986, quando começou a atuar como missionário em Prado, na Bahia. Converteu-se aos treze anos, depois de ser curado de uma doença grave não diagnosticada que o acompanhou dos quatro aos nove anos de idade. Aos dezessete anos, ingressou no seminário e completou o curso de Teologia em 1985. "Todos esses anos tenho trabalhado para cumprir o chamado de Deus", conta.

Hoje, Izilmar trabalha na Igreja Batista de Eldorado (IBEL), em Serra, no Espírito Santo, e é filiado à Ordem dos Pastores Batistas do Brasil (OPBB). Em 1998, formou-se em Psicanálise pela Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil (SPOB), criada em 1996 com a missão de popularizar e disseminar a psicanálise por todos os cantos do país. "Foi uma experiência muito enriquecedora e sou grato pela oportunidade que tive. A SPOB foi pioneira no Brasil na modalidade de formação de psicanalistas e deu a chance a muitas pessoas, assim como eu, de conhecer a psicanálise e seu valor na clínica, para ajudar as pessoas", diz.

A psicanálise não é uma profissão regulamentada, ou seja, não existem cursos universitários especializados na prática criada por Sigmund Freud, tampouco leis que guiem especificamente seu exercício. A formação tradicional de um psicanalista passa pela graduação em Psicologia ou Medicina e pela associação a alguma sociedade psicanalítica, além da análise em si. Na Sociedade Brasileira de Psicanálise, a primeira a ser criada na América Latina, em 1927, tal formação é oferecida somente a médicos e psicólogos registrados nos respectivos Conselhos Regionais, e a aceitação de profissionais graduados em outras áreas do conhecimento fica sob responsabilidade de uma Comissão de Ensino. Se aprovado, o pretendente deve se submeter a cinco anos de análise – com frequência mínima de quatro sessões semanais – além de realizar 160 seminários obrigatórios e atender a dois pacientes adultos ao menos quatro vezes por semana sob supervisão de um analista membro da sociedade.

Nem todas as sociedades psicanalíticas, no entanto, disciplinam a frequência e a duração da análise pessoal do analista em formação. "É da natureza da própria psicanálise uma certa dose de indeterminação no ritmo e na duração de um tratamento, que pode se estender por vários anos", comenta Gilson Iannini. É o caso das Escolas inspiradas no ensino de Jacques Lacan, como a Escola Brasileira de Psicanálise, fundada em 1995. "Também não há diplomas ou carteirinhas que atestem que alguém é psicanalista. Trata-se de um processo mais longo, sinuoso e exigente do ponto de vista do engajamento subjetivo. Isso porque não se trata apenas de uma formação intelectual ou do domínio de uma técnica".

Mas, sendo livre a formação psicanalítica, entidades paralelas, como a Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil, oferecem cursos livres a qualquer interessado, como o pastor Izilmar Finco. Atualmente, a Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil é a maior sociedade de psicanalistas da América Latina. Em seus 18 anos de existência, concluiu mais de cem turmas em todos os estados brasileiros e formou cerca de três mil psicanalistas. O único pré-requisito para participar dos cursos é ter um diploma de graduação, seja ele qual for. Em dois anos, depois de participar de aulas duas vezes por mês e realizar 80 sessões de análise, o aluno recebe seu diploma de psicanalista. A procura do curso por pastores evangélicos e líderes religiosos é intensa. Para o pastor Izilmar, se um religioso deseja desenvolver um bom ministério pastoral, ele precisa acumular uma série de conhecimentos, além da teologia: "Claro que a área da psique é uma delas. O pastor precisa se conhecer bem e saber como conhecer o outro". Com o auxílio da psicanálise ele afirma não atribuir tudo a questões espirituais. "Uma abordagem correta do problema é o primeiro passo para ajudar a encontrar a solução e a cura."

Em 1927, Freud publicou um ensaio intitulado O futuro de uma ilusão, no qual afirma ser a religião "a neurose obsessiva universal da humanidade", culpada pela decadência intelectual de parte dos seres humanos. Não seria então contraditório tentar conciliar religião e psicanálise? O pastor Izilmar Finco acredita que não. "Não podemos negar o conhecimento ou os benefícios que a psicanálise trouxe para nós, desmistificando muitas coisas. Também de forma alguma podemos negar a fé e principalmente a fé em Jesus Cristo", diz. Gildásio dos Reis, pastor da Igreja Presbiteriana do Parque São Domingos, em São Paulo, e docente no Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT) da Universidade Presbiteriana Mackenzie, afirma que teologia e psicanálise partem de pressupostos completamente diferentes. Por isso, não acredita ser honesto um pastor evangélico "atender pacientes utilizando acriticamente uma técnica que diverge sob muitos aspectos da fé cristã". "Quando eu clinicava, há dez anos, deixava claro aos pacientes sobre minha fé e dizia que, no tratamento, iria fazer uso da teologia para ajudá-los."

Quando os assuntos tratados passavam por questões como adultério, homossexualidade, aborto ou "qualquer comportamento que, à luz dos ensinamentos bíblicos, são considerados errados", Gildásio utilizava-se dos princípios bíblicos "para orientar melhor os pacientes". "Tínhamos um contrato analítico sobre isso", diz. Sérgio Laia, analista membro da Escola Brasileira de Psicanálise e professor, há mais de trinta anos, do curso de Psicologia da FUMEC, em Belo Horizonte enxerga também um problema conceitual na aliança entre as duas práticas: "A perspectiva de Freud era a de que a religião está para a civilização assim como a neurose está para o indivíduo. É dessa forma que a psicanálise lida com a religião – e uma pessoa que pratica uma atividade religiosa dificilmente aceitaria esse tipo de definição". "Ouvei de um dos meus professores uma frase de que nunca me esqueci: 'Não há incompatibilidade entre verdade e verdade'. O que é verdade na psicanálise não anula as verdades do cristianismo", relembra o pastor Izilmar. A frase ouvida por ele durante o curso de psicanálise é de autoria do Dr. Heitor Antonio da Silva, um dos fundadores da Sociedade Psicanalítica Ortodoxa do Brasil. Ele me repetiria a máxima alguns dias depois, quando nos falamos pelo telefone.

“Não existe incompatibilidade alguma entre psicanálise e religião, pois se a psicanálise é uma verdade, ela tem que ser compatível com qualquer ciência. Se a religião é verdadeira, ela também terá que ser compatível com qualquer ciência”, explica Heitor, que além de psicanalista, também é pastor batista. “Se duas coisas se apresentam incompatíveis, ou ambas são mentirosas ou uma delas o é.” Heitor da Silva afirma que, por não haver qualquer tipo de vinculação entre as duas atividades, não existe espaço para conflito. “Pelo contrário, quando um padre ou um pastor faz uma formação em psicanálise, isso só aumenta a sua compreensão dos paroquianos, das suas ovelhas, assim como a compreensão de si mesmo e de sua visão de mundo”, enumera. “Mas, se a pessoa quiser filtrar a psicanálise pela sua fé, vai cometer uma grande bobagem.”

Durante dez anos, Heitor da Silva foi diretor executivo da SPOB e um dos responsáveis por concretizar o objetivo de disseminar a psicanálise para todos os estados do país. Hoje, ele atua como diretor geral e presidente do grupo Redentor, que administra três faculdades no Rio de Janeiro. “A ideia de popularizar a psicanálise não significa que o façamos sem qualidade. É uma questão simples: a psicanálise é uma ciência independente”, ressalta. “Freud disse que a psicanálise era a profissão de pessoas leigas que curam almas e que não necessitam ser médicos.”

Em 2000, o deputado Éber Silva, do Rio de Janeiro – ele mesmo pastor da Igreja Batista – apresentou um projeto de lei no Congresso Nacional que visava a regulamentar o exercício da psicanálise no Brasil. Ele recebeu o apoio da SPOB, que passaria a atuar com maior reconhecimento, aumentando os atritos já existentes com grande parte da comunidade psicanalítica, que comumente a associa a grupos evangélicos.



### **A cura pela obediência**

Heitor da Silva afirma que a SPOB foi vinculada aos evangélicos devido a “perseguições das sociedades ligadas ao organismo internacional”, pois sabem que ele e o presidente Dr. Ozéas da Rocha Machado são pastores evangélicos. “A SPOB não oferece cursos para pastores, mas para qualquer pessoa que tenha formação universitária. Nunca foi uma sociedade religiosa ou vinculada à religião”, defende-se. Ele admite, no entanto, que a sociedade de fato forma muitos pastores e líderes religiosos, pois estes exercem funções que lidam com a “problemática humana”.

O projeto de lei não foi aprovado. “O fato de esses cursos terem sido fechados e considerados sem validade não me parece terminar com o problema”, considera o psicanalista Wellington Zangari. “Eles permanecem em nosso meio, senão como superiores, como cursos livres. A ‘formação’ é a mesma, com direito a carteirinha de psicanalista depois do cumprimento de uma série de regrinhas e provinhas de leituras de apostilas mal feitas.” Para ele, a medida não elimina “a sombra do risco de formação de péssimos psicanalistas, com placas com seus nomes em consultórios, cartões de visita e sites na internet”.

O curioso é que as próprias plataformas de formação a distância voltadas especificamente para pastores e líderes religiosos também oferecem cursos de psicanálise. Se a procura dos próprios pastores pelo conhecimento psicanalítico

acontece de forma “natural”, como afirma a maioria deles, o caminho inverso também é verdadeiro, uma vez que a formação em psicanálise está acoplada à formação religiosa. Na Faculdade Gospel, por exemplo, criada há vinte e cinco anos, junto às aulas de aperfeiçoamento em bibliologia, direito eclesiástico, história de Israel, liderança cristã e outros cento e cinquenta títulos, há também os cursos de “psicanálise clínica pastoral” e “psicanálise cristã”.

Diante de uma deformação tão grande da psicanálise, com a existência de cursos simplificados, que achatam conceitos freudianos em apostilas que muitas vezes não os expressam de forma correta, Zangari diz que os “pastores psicanalistas” correm o risco de terem a falsa impressão de que a psicanálise se prestaria a referendar conceitos e interpretações religiosas. “Quando não sabem interpretar um fenômeno psíquico de modo analítico, lançam mão de interpretações religiosas como se isso fosse razoável e esperado.”

Três dias depois da minha primeira visita, numa sexta-feira, voltei à Igreja Universal da Bela Vista. Deparei-me com uma sessão de exorcismo, em que o pastor e seus “obreiros” – espécies de ajudantes do líder – dedicavam-se à tarefa de expurgar o demônio do corpo de dois fiéis, um homem e uma mulher, ambos na meia idade. Foram aproximadamente quarenta minutos até que eles voltassem à realidade. Depois de incentivar, aos berros, que o demônio se manifestasse na pele daquele homem, o pastor tomou o microfone e começou a conduzir uma conversa com o suposto diabo encarnado. O homem grunhia, urrava e se retorcia em frente às cerca de trinta pessoas que compareceram naquela tarde.

Segundo Doryedson Cintra, professor de psicanálise nos cursos realizados pela Sociedade Contemporânea de Psicanálise (SCOPSI), as religiões evangélicas estão praticando uma psicanálise selvagem, espécie de chantagem terapêutica que ele chama de “comando passivo”. “Os pastores sabem que há algo na vida de cada indivíduo que inspira o medo e o terror. Só não sabem o quê. Com a apologia ao medo, eles incitam os membros a ponto de despertarem um comportamento histriônico, uma espécie de teatralidade muito comum nos casos de possessão”, teoriza. Ele afirma que, na verdade, essas pessoas se encontram psicologicamente abaladas e, inconscientemente, desenvolvem comportamentos que poderiam perfeitamente ser diagnosticados como transtornos histéricos, e não casos de possessão.

Naquele dia, conversei com uma das “obreiras” que se ocupavam de exorcizar a mulher, enquanto o pastor cuidava do homem. Ela me contou que após a morte dos pais, há mais ou menos dez anos, sentia-se como se lhe tivessem “arrancado o coração com uma faca”. Começou a desenvolver tendências suicidas e depressão, não querendo mais viver. Certo dia entrou por acaso numa Igreja Universal e, ao ouvir a pregação do pastor, achou que ele estivesse falando diretamente com ela, tamanho o impacto do discurso.

Ela continua frequentando as reuniões e, hoje, é como se os pais “nem estivessem mortos”. Quis saber se ela se considerava curada pela religião e ela disse que não. A Universal não a curou do sofrimento, mas sim as pessoas que encontrou ali e o seu próprio comprometimento em frequentar os cultos nos dias corretos. “Deus não é religião, mas é entrega. Se você não se entregar e não obedecer, nada vai mudar em sua vida.” Não é difícil perceber a que os pastores se referem quando pregam a “entrega”. A obediência dos fiéis, a que se refere Marta, está muito mais relacionada à noção de prosperidade do que a qualquer tipo de elevação espiritual. Ao longo dos cultos, os líderes da Universal repetiram à exaustão a máxima “dê e receba em dobro”, e não apenas bens materiais. Traçam uma conexão direta entre dinheiro e graça.

Em determinado momento, após discorrer a respeito da ação de Deus sobre as “doenças do espírito”, o pastor chamou os fiéis à frente para depositar a “oferta”. Todos se levantaram com seus envelopes brancos enquanto ele enumerava as bênçãos que se desprenderiam daquele gesto. Alguns minutos depois, os “obreiros” se aproximaram com três caixas carregadas de exemplares do livro Nada a perder, de autoria do bispo Edir Macedo, enquanto outros traziam máquinas de cartão de crédito. Ainda que as pessoas busquem a religião e a psicanálise para lidar com seus sofrimentos, Wellington Zangari acredita que o ponto de contato entre ambas termina aí: “Cada uma dessas perspectivas oferecem compreensões do ser humano baseadas em modos de obter conhecimento que são, por vezes, antagônicas”. A religião supõe a existência de agentes espirituais intencionais e uma ordenação da realidade que é ligada àqueles agentes. A ciência, por outro lado, não enxerga a realidade a partir de referenciais sobrenaturais.

Segundo ele, ao contrário da religião, a psicanálise encontra a natureza do sofrimento humano no próprio sujeito, em sua subjetividade e dinâmica pessoal. Nada é atribuído a Deus ou a qualquer associação do tipo. Além disso, as formas de lidar com esse sofrimento são distintas: “A religião poderá buscar a solução do sofrimento pela via da salvação divina ou do afastamento do demônio, o que supõe uma ação de tipo sobrenatural ou, ao menos, um contato entre o ser humano e uma instância desse universo transcendente.

Na psicanálise, lida-se com o sofrimento justamente colocando o sujeito no centro, na natureza mesma do sofrimento. Ele próprio é o agente último da ação, implicado até o pescoço no sofrimento que sente.” Para Doryedson Cintra, o ser humano vive num constante cabo de guerra, em que de um lado é puxado pela razão psicológica e, do outro, pela fé religiosa. “No meio se encontra o abismo negro do demônio chamado doença mental.”

---

**AMANDA MASSUELA** é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista CULT, Junho de 2014.**

## Jesus can't be boring (LUIZ FELIPE PONDÉ)

**NÃO**, o título deste texto não é uma citação, apenas uma expressão que em inglês soa melhor. Se formos falar "Jesus não pode encher o saco" ou "Jesus não pode entediar", isso não capta o sentido contemporâneo de Jesus como "commodity".

Inglês é o idioma ideal para o mundo da mercadoria, porque vendemos tudo melhor em inglês. Imagine se fôssemos fazer um comercial sobre como Jesus tem que ser legal para você, se você for um jovem ou uma jovem de 20 anos? "Jesus can't be boring" soaria muito melhor... Ou seja: Jesus tem que ser legal... E somar à sua vida... (ou "agregar valor", expressão que eu pessoalmente detesto).

Estamos falando de mercado religioso. Sim, as religiões competem no mercado de "bens religiosos": festas, significados para vida e para o sofrimento, laços sociais e afetivos dentro das comunidades de fiéis, casamentos, educação de filhos, narrativas de fim de mundo, rituais mágicos ou não, ferramentas de comunicação espiritual ou similares como TV ou mídias sociais, enfim, tudo o que uma religião oferece em termos de "bens de consumo".

A vida não tem sentido aparente, é curta (só parece longa quando sua vida é muito péssima), precária, escassa, frustrante; logo, uma hora dessas, ou Jesus ou Frontal vai bater na sua porta. Se você for mais chique, um Buda light serve. Vale lembrar que tudo o que falamos aqui sobre Jesus poderia ser falado sobre qualquer outra figura religiosa de peso. Não se trata de nenhuma forma de ironia ou sarro com o cristianismo especificamente. Como estamos numa sociedade majoritariamente cristã, nas suas diversas denominações, podemos falar em "Jesus como bem religioso" como símbolo de todo o processo de commoditização das religiões.

Commoditização das religiões significa a transformação das religiões em bens de consumo tratados via ferramentas de marketing, num mercado de comportamentos em que elas devem competir entre si e com as opções seculares. Opções seculares são: ateísmo, quase ateísmo, agnosticismo ("não temos provas definitivas nem de que Deus existe nem de que não existe", afirmação que para os ateus é ateísmo que não saiu do armário), humanismo ateu como o do autor britânico A. C. Grayling em seu livro "The God Argument, The Case Against Religion and for Humanism", ou simplesmente, "bode dos deuses, e vamos viver o dia a dia para ver no que dá".

As religiões devem vencer umas às outras como produto, e aos seculares também. É briga de cachorro grande. Nesse processo, a Igreja Católica apanha dos protestantes que já nasceram com a vocação para o business. As afro-brasileiras têm a seu favor a coisa de que são religiões de vítimas sociais --e, se você é branco e vai nelas, você é legal e sem preconceitos. Como dizem os especialistas em religião e mídia Stewart M. Hoover e Lynn S. Clark, na coletânea organizada por eles, "Practicing Religion in the Age of the Media", da Columbia University Press, de 2002, ou Heidi A. Campbell, no recente, de 2013, "Digital Religion: Understanding Religious Practices in New Media Worlds", da editora inglesa Routledge: as religiões combatem o risco de invisibilidade num mundo veloz e pautado por projetos do self (já digo o que é isso), aprendendo a se tornarem commodities que circulam nas mídias falando a língua de pessoas voltadas para o consumo de bens de comportamento que tornem a vida mais fácil.

"Projetos do self", conceito discutido por Hoover e Clark, são modos de viver em que tudo deve ser ajustado a personalidades narcísicas (leia "Cultura do Narcisismo", de Christopher Lasch, clássico de 1979, sobre o que é ser um narcisista no mundo contemporâneo). Essa personalidade "líquida", como diz o Bauman, não tolera nada que pese como uma mala sem alça.

Amores, viagens, trabalho (claro, se eles têm grana, se não todo esse papinho vira pó), sexo, deuses, Jesus, tudo deve nos ajudar a emagrecer, a ter uma vida saudável, a cuidar de nosso corpo, e a me ensinar que eu sou a coisa mais importante para mim mesmo. Sério! Quem quer um Jesus "para baixo"? Logo Jesus terá que vir de bike para a missa, e nada de cruz nas costas.

---

**LUIZ FELIPE PONDÉ** é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). [ponde.folha@uol.com.br](mailto:ponde.folha@uol.com.br). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## Ódio chapa-branca (GREGORIO DUVIVIER)

**A ÚLTIMA** coluna que escrevi falava sobre a falta de opções do eleitor carioca: todos os principais candidatos ao governo do Estado estão sendo julgados por crimes de corrupção. Muita gente me escreveu dizendo que o "Brasil não tem jeito" e que também está louco para sair daqui. Queria escrever pra essas pessoas e dizer que eu não pretendo sair daqui tão cedo.

A democracia, entre muitos presentes, nos deu este: a gente pode falar mal do Brasil à vontade. Já faz quase 30 anos que a gente pode. Mas parece que a gente só faz isso da vida. A melhor maneira de não incomodar ninguém é falar mal de todo mundo. Se eu disser que todos os políticos são corruptos, todo mundo adora - inclusive, e principalmente, os corruptos, que estão sendo colocados no mesmo saco dos honestos. O discurso do "ninguém presta" parece o discurso mais corajoso do mundo, mas é o mais chapa-branca.

Ninguém se cansa de repetir: "O Brasil não tem jeito", "a corrupção no Brasil é endêmica", "brasileiro não aprende", "o problema do Brasil é o brasileiro". Tudo isso é dito, claro, por brasileiros. Repare que não dizemos: nosso problema somos nós mesmos. Não. O problema do Brasil são os outros, diria Sartre, se fizesse vlogs. Nunca vi alguém dizer: o problema do Brasil sou eu, que como carne, ando de carro, não reciclo o meu lixo, recebo dinheiro como pessoa jurídica e não lembro em quem votei pra vereador. A culpa é minha, pessoal. Em minha defesa, estou tentando mudar.

Outro dia um autoproclamado filósofo brasileiro que mora nos EUA vociferou: "O povo brasileiro é o povo mais covarde, imbecil e subserviente do universo". E muita gente (brasileira) aplaudiu, provando que talvez ele estivesse certo -- mas única e exclusivamente em relação aos seus leitores. Não sei qual é a solução para os nossos problemas, mas se mudar pra Veneza ou pra Virginia certamente não é.

Quantas vezes você já não ouviu a frase: "É por isso que o Brasil não vai pra frente"? Independentemente da razão do nosso atraso, essa frase é uma mentira. Mesmo o crítico mais contumaz do governo (governo este do qual não sou eleitor nem fã) há de concordar que o Brasil vai pra frente, sim. Devagar, aos trancos e barrancos, algumas vezes à revelia do governo - mas vai pra frente. Em contrapartida, nossos intelectuais estão ficando pra trás.

---

**GREGÓRIO DUVIVIER** é ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## **Criados em Marte (ROSELY SAYÃO)**

**CRIAMOS** alguns bordões em relação às nossas crianças. Elas são mais inteligentes do que as que viveram algumas décadas atrás, nasceram com um chip inovador no cérebro, têm mais personalidade e sabem, desde muito cedo, o que querem e do que gostam.

Todas essas frases você deve ouvir e, eventualmente, dizer com regularidade, não é? Eu não passo uma semana sem ouvir algumas dessas e outras bem criativas, como: "Pelo que eu observo do comportamento de meu filho, ele será um empreendedor (o garoto tem três anos incompletos!). Pois é: andamos espantados, orgulhosos, perplexos, maravilhados, encantados e seduzidos com muitos comportamentos das crianças. Acreditamos piamente que elas são tudo isso o que dizemos delas e que, realmente, são diferentes das crianças de outros tempos.

Mas, logo depois dessas primeiras reações, assim que elas crescem um pouco, passamos rapidamente da admiração à reclamação. Ora porque as crianças não comem bem, só querem porcarias e se recusam a experimentar novos alimentos, ora porque não têm limites e se comportam muito mal, ora porque dão trabalho demais na escola e em casa, fazem birras e manhas, só se dedicam às coisas das quais gostam, são agitadas em demasia, não conseguem focar a atenção nos trabalhos, entre outras coisas.

E não é incomum que os mesmos comportamentos das crianças suscitem, dependendo do momento e do contexto em que ocorram, reações contraditórias por parte dos adultos que com elas convivem. Uma criança pode dar uma resposta impertinente à mãe, que, por estar calma, acha graça e fica orgulhosa da inteligência da filha. O mesmo comportamento, horas depois, faz a mãe reagir com braveza e impaciência, que levam à reclamação à qual me referi. Talvez seja necessário cotejar comportamentos de crianças e de adultos, não é? Assim, quem sabe possamos pensar melhor sobre o quanto os comportamentos delas são influenciados pelos nossos?

Vamos começar com a história dos limites, que sempre surge. Será que as crianças são educadas em Marte --porque é para lá que nós não vamos-- e, por isso, achamos que elas não têm limites quando voltam? Se elas não têm limites, seja lá o que signifique isso, é porque nós não os apresentamos, correto? Se elas fazem o que bem entendem, é porque sabem que podem. E por que será que elas só querem comer salgadinhos, pizzas, lanches, biscoitos, doces e tomar refrigerantes? Porque não vemos a hora de elas poderem mastigar para presenteá-las com essas porcarias gostosas, não é? E a agitação delas, e a dificuldade de colar a bunda na cadeira para focar a atenção em uma coisa trabalhosa? Ora, desde que elas nascem, lotamos a vida delas de estímulos visuais e sonoros, damos uma infinidade de brinquedos que elas nem dão conta de explorar, e tudo isso sem falar na profusão de elogios por nenhum esforço da parte delas. E por que tanta manha e birra? Simples: porque aprenderam conosco que essas são estratégias que funcionam.

Precisamos reconhecer que temos sido adultos pouco inteligentes no trato com as crianças. Sempre damos mais do mesmo, não sabemos bem o que queremos delas, dizemos "não" apenas enquanto nossa pouca paciência suporta e logo cedemos, e achamos incríveis quaisquer bobagens que elas façam, desde que nos deixem sossegados. Vamos repensar nossos bordões?

---

**ROSELY SAYÃO** é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## 'Junho' (MARCELO COELHO)

**PARA** marcar o primeiro aniversário das manifestações de 2013, o documentário "Junho", de João Wainer, terá lançamento simultâneo nos cinemas e na internet (via iTunes) no próximo dia 5. O filme, que tem produção da "TV Folha", haverá de produzir reações quase tão descontraídas quanto o próprio movimento. Vai aqui a minha opinião.

A esta altura, acho que o mais interessante a discutir seria não como tudo começou, mas por que não foi adiante. Seria, talvez, o tema para outro documentário, não o que João Wainer quis fazer. Ele privilegiou as imagens vibrantes da rua. Na primeira metade do filme, a montagem é rapidíssima, procurando transmitir o clima das manifestações iniciais, com a câmera ao rés do chão. O desafio, que "Junho" vence com inteligência, é manter-se equilibrado em meio a tantos solavancos. Mostra muito bem a revoltante violência da PM, sem deixar de ouvir, em pleno calor das passeatas, o que dizem os soldados.

Seguem-se imagens, gravadas bem de perto, dos saques a uma loja de eletrodomésticos - claramente propiciados, como diz um entrevistado da "Mídia Ninja", pela intencional omissão das forças de segurança. Mas é a partir daí - e quando alguns grupos tentam invadir a prefeitura, o Palácio dos Bandeirantes e, que sei eu, o Congresso, o STF, até o Itamaraty - que o documentário perde o foco. Como tantas vezes acontece, uma minoria radicalizada termina desencadeando o naufrágio dos movimentos de transformação. Não penso apenas nos "black blocs", que fizeram às autoridades o favor de tirar a população das ruas e legitimar a violência policial.

Ainda não foi esclarecida a suspeita de que forças ligadas ao crime organizado ou à própria polícia tenham tido sua parte nos estragos; no Rio de Janeiro, pelo menos, o quebra-quebra na Assembleia Legislativa levantou hipóteses nesse sentido. O governador Sérgio Cabral, cujo histórico de papéis não se limitou ao mês de junho de 2013, não aparece no filme, centrado excessivamente em São Paulo. No capítulo das omissões, acho importante lembrar que Dilma Rousseff não fez apenas, em seu discurso pela TV, uma explicação sobre os gastos da Copa do Mundo e uma conclamação à paz esportiva.

Lançou, e eu achava que estava certa, a proposta de uma Assembleia Constituinte para promover uma reforma política. A ideia foi bombardeada de todos os lados, sendo invocado o argumento, a meu ver puramente formal, de que uma Assembleia Constituinte não pode ter limitadas as suas funções. Bem, que se mudasse o nome então. O fato é que tanto a camada governante quanto as próprias lideranças originais do movimento - focadas na questão das tarifas de transporte - perderam a oportunidade de dar uma saída política para o que aconteceu. Ficou-se, como disse com bom humor o poeta Sérgio Vaz, entrevistado em "Junho", num estado de "ejaculação precoce": houve muito prazer nas preliminares, mas a transformação real não foi adiante.

De certo modo, o documentário de João Wainer acompanhou, na sua própria estrutura, esse desencanto. Toma-se mais lento e repetitivo a partir da segunda metade. Não pelas razões corretas, todavia. O certo, na minha opinião, seria acompanhar o declínio do movimento, até a desmobilização quase completa. Em vez disso, "Junho" quis terminar numa espécie de alto astral. O foco do documentário muda para a Copa das Confederações. Vemos o momento, por certo emocionante, em que toda a torcida canta sozinha o Hino Nacional, mesmo depois de terminada a gravação da banda sinfônica, na final do campeonato.

Cubra-se a tela, enfim, de multidões vestidas de verde e amarelo. Por mais que o comentarista Juca Kfoury assinala que o entusiasmo pelo futebol não abafa o descontentamento geral, o filme termina substituindo uma coisa pela outra. É ao mesmo tempo uma retrospectiva das manifestações e um "esquentar" para a Copa do Mundo, a ser distribuído para uma plateia internacional.

Haveria tempo para falar de tudo? Para mostrar, ainda que o caso tenha ocorrido depois de junho, a morte do cinegrafista Santiago Andrade, atingido por um rojão? Para saber se algum policial foi punido pelas barbaridades cometidas? Talvez se pudesse economizar, diminuindo um pouco a quantidade de comentaristas e políticos entrevistados no filme. Mas é hora deste comentarista dar o exemplo e ir parando por aqui.

---

**MARCELO COELHO** é articulista da Folha de S.Paulo desde 1984. Fez mestrado em Sociologia pela USP e publicou, entre outros livros, 'Gosto se Discute' (Ática, 1994), 'Jantando com Melvin' ([ficção] Imago, 1998) e 'Montaigne' (série Folha Explica, Publifolha, 2002). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## Os neopreocupados com os pobres (TEREZA CAMPELLO)

**OS DEBATES** sobre o Bolsa Família costumam despertar paixões. Quase todo mundo tem uma opinião a respeito, ainda que não conheça direito como funciona o programa. Prosperam os palpites. Ao longo de seus mais de dez anos de história, o Bolsa Família tem sido vítima de uma coleção de preconceitos contra os pobres. Ora dizem que as famílias terão mais filhos para ganhar um benefício maior. Ora criticam as famílias pobres por não saberem gastar. Há quem acuse os beneficiários de preguiçosos.

Esses mitos contrariam estatísticas oficiais e estudos científicos. A taxa de fecundidade dos mais pobres caiu mais do que a média nacional. As mães gastam o dinheiro do benefício com alimentos, o que proporcionou queda de 58% da mortalidade infantil causada pela desnutrição. A maioria dos beneficiários adultos trabalha muito. Se continuam pobres, isso

é decorrência da inserção precária no mercado de trabalho. Em busca de melhores oportunidades, beneficiários preencheram, antes do prazo previsto, 1 milhão de vagas em cursos de qualificação profissional do Pronatec, por exemplo. Em outra frente da inclusão produtiva, já se formalizaram 400 mil microempreendedores. Se o preconceito e a desinformação ainda alimentam mitos, talvez só a ansiedade do momento eleitoral possa explicar o comportamento dos que se apresentam agora como neodefensores dos pobres. Em época de eleição, são raros os políticos que falam mal do Bolsa Família. Mas muitos tentam pegar carona nos êxitos do programa falando absurdos.

Aqui neste "Tendências/Debates", o líder do PSDB na Câmara dos Deputados, Antonio Imbassahy ("Leviandade?", 20/5), defendeu que os benefícios do Bolsa Família fossem corrigidos pela cotação do dólar, sujeitando a política pública às flutuações de mercado da moeda norte-americana. O deputado e seu partido não entenderam que a linha de extrema pobreza do país foi definida em R\$ 70, em junho de 2011, com base no parâmetro internacional usado pelas Nações Unidas: o poder de compra de US\$ 1,25 diário por pessoa nos diferentes países. É a chamada paridade de poder de compra, diferente da simples conversão ao câmbio do dia.

A presidenta Dilma Rousseff usou o mesmo critério ao atualizar a linha de extrema pobreza e os benefícios do Bolsa Família, em anúncio feito na véspera do 1º de Maio. Nos últimos três anos, inovações no Bolsa Família garantiram reajuste de 44% acima da inflação para o benefício médio do programa. Ele passará a R\$ 167 mensais por família, em junho. Mais importante: foi garantido que nenhuma família vivesse com menos de R\$ 70 mensais por pessoa, consideradas a renda familiar e a complementação do benefício. Esse valor passa, também em junho, para R\$ 77. Ao longo de três anos, seis mudanças foram implementadas e a oposição não se manifestou. Por que só se manifestam agora os neopreocupados com os pobres?

No terceiro ano do plano Brasil Sem Miséria, o país é a maior referência mundial em políticas de combate à pobreza e à desigualdade. Com os resultados obtidos até aqui, estamos a um passo de superar a extrema pobreza. Mas o fim da miséria é só um começo. Além de renda e emprego, trabalhamos por melhor qualidade de vida para todos. A defesa da inclusão social e produtiva é sempre bem-vinda. Os palpites, porém, devem ter limites, quando se trata da vida de 14 milhões de famílias. Há de se ter responsabilidade quando o tema é o Bolsa Família.

---

**TEREZA CAMPELLO**, 51, é ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## **Amar e punir (CONTARDO CALLIGARIS)**

**NA SEMANA** passada, a Câmara dos Deputados aprovou e mandou para o Senado a Lei da Palmada, ou Lei Menino Bernardo (em homenagem a Bernardo, assassinado recentemente, aos 11 anos, no RS). A lei fará que pais e educadores não possam recorrer a castigos corporais, mesmo moderados, ainda que sejam na intenção de educar as crianças.

Há argumentos contra: a vontade de não deixar o Estado invadir o espaço privado da família e o receio de que educar se torne mais impossível do que já é. Eu sou mais a favor da lei do que contra ela, porque a violência é contagiosa: reprimir a violência de pais e educadores talvez quebre o círculo vicioso pelo qual tendemos a reproduzir a violência da qual fomos vítimas. Mesmo assim, cuidado: o que enlouquece as crianças não são as palmadas, mas as oscilações repentinas do humor dos adultos.

Harold Searles, numa obra (1959) que continua sendo uma referência, descreveu "O Esforço para Tornar o Outro Louco". Ele revelou, por exemplo, as consequências enlouquecedoras de um comportamento dos pais feito de alternâncias rápidas e contínuas entre amor visceral e fúria punitiva. Essa alternância não é a obra de malucos. Ao contrário, ela é trivial, sobretudo quando os adultos amam muito seus rebentos (ou seus educandos) e, portanto, querem dar tudo (e mais um pouco) para eles: tempo, atenção, esperanças, bens materiais etc. Repetidamente, o adulto que ama demais explode, porque não aguenta o sacrifício de sua própria vida, que as crianças não lhe pedem, mas que ele se impõe como se as crianças lhe pedissem. Cada explosão, por sua vez, produz culpa e uma nova onda de extrema paixão amorosa. E a coisa recomeça.

Essa alternância de beijos molhados e punições terríficas mina a confiança da criança no mundo e é muito mais enlouquecedora do que, por exemplo, uma severidade constante, mesmo que ela se expresse em castigos físicos. De novo, uma criança não enlouquece porque seus pais praticam a palmatória; mas algumas crianças enlouquecem porque os pais passam de apertões e declarações de amor a gritos raivosos e tentativas de estrangulação. Conclusão: talvez a maior violência contra as crianças não seja a palmada, mas o amor excessivo dos adultos. Falando em "maior violência contra as crianças", durante a discussão na Câmara, no dia 21, o deputado pastor Eurico disse que a Xuxa cometeu "a maior violência contra as crianças", referindo-se ao fato de que, em 1982, num filme vagamente erótico, Xuxa (então com 18) contracenou com um garoto de 12 anos (cá entre nós: o verdadeiro problema com o filme em questão é que ele não é exatamente uma obra-prima).

Enfim, para o pastor Eurico, a maior violência contra as crianças consiste em deixar um menino de 12 anos acariciar um seio. Por coincidência, no dia seguinte à patacoada do pastor Eurico, o Ministério Público de São Paulo ratificou um Termo de Ajustamento de Conduta com a Igreja Universal do Reino de Deus para impedir que crianças e adolescentes sejam expostos publicamente, durante cultos ou eventos.

A promotora de Justiça responsável pelo TAC, Fabiola Moran Faloppa, entendeu que são humilhantes ou degradantes as situações em que, no púlpito ou na TV, o ministro religioso revela informações íntimas sobre as crianças (suas doenças, seus abusos sofridos etc.). Concordo com a promotora. E acrescento um comentário. Há várias razões para expor as crianças à religião. Entre elas, a ideia de que a autoridade divina possa ajudar pais e educadores - a ameaça do inferno substituindo castigos e palmadas. Pode ser. Mas é também possível que, para as crianças, a religião seja mais perigosa do que a palmada ou o vago erotismo de um filme.

O Deus da Bíblia é muito parecido com a mãe ou o pai que enlouquecem seus filhos: ele nos ama a ponto de nos criar e nos entregar as chaves do mundo, mas pode se transformar num castigador absurdamente intransigente (palmadas eternidade adentro).

Em outras palavras, Deus passa do amor à punição com a mesma ferocidade de uma mãe ou de um pai ciclotímicos. Será que os ganhos sociais do ensino precoce da religião compensam seus efeitos enlouquecedores. Seja como for, se quisermos punir menos as crianças, deveríamos começar por amá-las menos, adotando um novo provérbio: quem ama demais castiga demais.

---

**CONTARDO CALLIGARIS**, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## **A Copa é a Copa (BETTY MILAN)**

**EM 1970**, a palavra de ordem da oposição à ditadura era que se torcesse contra a seleção brasileira. Foi cumprida? Não, claro. Foi por terra ao primeiro ataque bem-sucedido. A cada gol dos canarinhos, era um festa e, no dia do tricampeonato, o país inteiro se entregou à folia.

Isso se explica pelo fato de o Braaasilll!, o país da bola, não poder ser confundido com o país oficial. Sumariamente, no seu espaço, a vitória é função do talento, e ela implica o respeito à lei, enquanto, no país oficial, há espaço de sobra para toda sorte de desmando. Toda tentativa de sabotar o Braaasilll! para combater o país oficial é contrária à nossa imagem e aos valores que podem transformar o Brasil num país desenvolvido. No jogo, as regras são as mesmas para todos e o jeitinho não existe; a competência é um requisito básico, mas exige que se leve em conta o outro; o indivíduo é tão importante quanto o grupo, a individualidade aí se realiza sem que o individualismo possa prevalecer.

O jogo tem uma grande função educativa: ensina a respeitar a regra e dar noção de limite, indispensável à cidadania. Trata-se de um recurso poderoso na formação das crianças, pois no seu contexto a lei vigora e quem faz pouco dela é sempre punido. O jogo indiretamente ensina a dizer não e a aceitar a negativa. As manifestações contrárias à Copa são contrárias às crianças e é bom lembrar que as despesas com a mesma são maiores do que o previsto originalmente, mas esse custo equivale a um mês de gastos com a educação no Brasil. Bastaria esse dado para ser mais do que favorável à Copa.

Além de fundamental para a formação da personalidade, o jogo também existe para suspender a beligerância - as manifestações atentam contra o próprio espírito da civilização. Em Olímpia, onde nasceram os jogos Olímpicos, todas as hostilidades, inclusive guerras em curso, eram suspensas. O ato que violasse a trégua era considerado criminoso e devidamente punido. Podemos ser contrários ao que aí está, mas enfrentar o "status quo" opondo-se à Copa, além de inútil, é um ato masoquista. Como diz Platini, é tão importante para os torcedores virem à Copa no Brasil quanto para os muçulmanos irem a Meca. Romper a trégua com manifestações políticas é uma forma de barbárie.

A hora é de deixar a nossa grande cultura popular acontecer como pode, valendo-se da improvisação para a qual somos treinados, difundindo a alegria de que somos capazes e de que o resto do mundo precisa. De 1995 para cá, o futebol mudou. Depende menos do jogador do que do técnico e do time. Mas, apesar da globalização, o estilo brasileiro continua a se manifestar. As jogadas de Neymar e as pedaladas de Robinho são a prova disso. Não brincam como Garrincha, porém, como este, se valem do jogo para se divertir e levar o público ao delírio da alegria.

Evocando a tradição ocidental da trégua sagrada, devemos proteger o campeonato do mundo e torcer por um jogo limpo como o de Pelé. Exercitava-se para mostrar que mais vale um bom drible do que um chute na canela. Quando jogou pelo Santos contra uma equipe francesa no Parc des Princes, foi atacado por um beque que o chutou indiscriminadamente. Partiu para a luta, aplicando uma série desmoralizante de dribles. Fez valer a Moral do Jogo, que exige o jogo para ganhar. Lembrou que, além de vivermos num país onde penamos por causa da injustiça social e da insegurança, somos súditos de uma monarquia da qual ele é o rei.

---

**BETTY MILAN**, 69, é escritora e psicanalista, autora de "O País da Bola", entre outros. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## A política do salário mínimo deve ser alterada? SIM

### Efeitos colaterais (JOSÉ PASTORE)

**O MELHOR** dos mundos é quando os aumentos salariais são concedidos com base nos ganhos de produtividade. Nessa condição, os aumentos não são repassados aos preços, e as empresas aumentam o lucro. Como consequência, consumo e investimentos crescem. É o jogo do ganha-ganha. O Brasil dos últimos anos, porém, tem vivido uma situação inversa. Os salários vêm aumentando sem uma correspondente elevação da produtividade. Resultado: inflação crescente, investimentos decrescentes e perda de competitividade.

No caso do salário mínimo, a fórmula atual promove o seu reajuste pela inflação do ano anterior e o PIB (Produto Interno Bruto) de dois anos antes. Os dados indicam que, com exceção de 2010 (PIB de 7,5% e inflação de 5,9%), o quadro reflete a inversão apontada. Em 2009, o PIB diminuiu 0,3% e a inflação subiu 4,3%. Em 2011, o PIB ficou em 2,7% e a inflação bateu na casa dos 6,5%. Em 2012, os números foram novamente divergentes para um PIB de apenas 1% e inflação de 5,8%. E em 2013, tivemos 2,5% e 5,9%, respectivamente.

Pela fórmula, os reajustes captaram mais a inflação do que o PIB e muito menos o PIB per capita (proxy - indicador aproximado - da produtividade). Na verdade, a produtividade no Brasil, com exceção da agricultura, está praticamente estagnada. Aumentos expressivos de salários sem correspondência em ganhos de eficiência, como os determinados pela fórmula, provocam fortes distorções no mercado de trabalho e nas contas públicas. No primeiro caso, os reajustes do salário mínimo "atropelam" muitos pisos salariais e forçam aumentos descasados da produtividade - em especial, nas faixas dos salários que são vizinhos do mínimo.

No segundo caso, o atropelo é ainda mais grave. Como estudioso das finanças públicas, Raul Velloso mostra que o salário mínimo transformou-se em um indexador voraz das despesas do governo por conta da fórmula atual. Isso porque 65% dos beneficiários da Previdência Social e 44% do valor total dos benefícios estão atrelados ao salário mínimo. Na assistência social, são 100% dos beneficiários e do valor dos benefícios. No seguro-desemprego e no abono salarial, a indexação é igualmente violenta.

Conclusão: em 2013, 24% dos gastos da União decorreram do salário mínimo. Há 25 anos, eram apenas 3%! Para cada R\$ 1 de aumento no salário mínimo, há uma despesa adicional para a União de R\$ 350 milhões. Não é preciso ir longe para verificar que esse quadro é insustentável (<http://www.raulvelloso.com.br/por-que-e-como-aumentar-a-poupanca-publica-para-viabilizar-o-crescimento-sustentado-no-brasil>).

Para o Brasil crescer e reduzir efetivamente a desigualdade, a lógica e os fatos recomendam uma modificação na fórmula atual e um atrelamento dos reajustes do salário mínimo aos ganhos de produtividade. No dia Primeiro de Maio, a presidente Dilma Rousseff decidiu prometer a manutenção da fórmula atual. A gula por votos falou mais alto do que a lógica e o bom senso. Isso levou os demais candidatos a prometer a mesma coisa, deixando de lado os destinos na nação para garantir um bom resultado na eleição. Lamentável!

Não havia a menor necessidade de se pronunciarem sobre essa matéria no meio do ano eleitoral, porque, pela lei nº 12.382/2011, a avaliação da fórmula deveria ser feita só em 2015, e não em 2014.

Com isso, o (a) eleito (a) terá de se preparar para desmontar a bomba-relógio que ajudou a montar.

---

**JOSÉ PASTORE**, 79, é professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo, presidente do Conselho de Emprego e Relações do Trabalho da Fecomercio-SP (Federação do Comércio do Estado de São Paulo) e membro da Academia Paulista de Letras. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## A política do salário mínimo deve ser alterada? NÃO

### Política pública democrática e moderada (CLAUDIO SALVADORI DEDECCA)

**EM 2015**, o salário mínimo completará 75 anos de existência. Somente nos últimos sete anos, ele conheceu uma política pública de valorização estável. Ela foi resultado de um acordo social tripartite, experiência histórica inédita e prática que deveria lastrear a consolidação de nosso regime democrático.

Dois foram os objetivos básicos da atual política de salário mínimo: (1) garantir a valorização progressiva do piso legal segundo as condições econômicas, adotando-se um critério moderado de reajuste segundo a evolução do PIB; (2) dar previsibilidade dos reajustes anuais para os setores público e privado, estimular o crescimento e propiciar, mesmo que lentamente, a distribuição do aumento do produto para os trabalhadores mais pobres.

Essa política pública de valorização do salário mínimo foi concebida como instrumento de estímulo do desenvolvimento socioeconômico brasileiro. Em 2007, os opositores acusavam que ela provocaria a elevação do desemprego, o aumento da informalidade e a destruição das contas da Previdência. O apocalipse previsto não ocorreu passados sete anos. Agora, retomam o ataque afirmando que a continuidade da política provocará a hecatombe das contas públicas, agregando que ela compromete o aumento da produtividade e está na raiz do processo inflacionário.

Esses argumentos não encontram qualquer respaldo científico, como atestam as apresentações do seminário sobre o salário mínimo realizado pela Fundação Getulio Vargas (<http://goo.gl/P7rbF4>). Os problemas de produtividade decorrem da ausência de um padrão sustentado de investimento. A inflação deriva de problemas internos de oferta agravados pelo preço internacional das commodities e pela desvalorização cambial. E as restrições das contas públicas é produto do baixo crescimento.

Os resultados positivos da política de salário mínimo são amplamente reconhecidos dentro e fora do país, sendo que possíveis efeitos negativos não foram provados até o presente momento. Acusá-la de ser fonte do problema do baixo desempenho econômico é mero acobertamento dos reais interesses conservadores historicamente presentes na sociedade brasileira. Em um levantamento sobre a remuneração global dos administradores das 50 maiores empresas da Bovespa (Bolsa de Valores de São Paulo), constato que o restrito grupo de 400 diretores terá a remuneração anual média per capita de R\$ 4,2 milhões em 2014, contra uma de R\$ 27 mil dos empregados formais e de R\$ 9.400 dos trabalhadores de salário mínimo.

Não fazem parte da referida remuneração dos diretores os gastos com planos de saúde e previdência e benefícios complementares feitos por suas empresas. Cada diretor receberá, em média, 450 vezes a remuneração de um trabalhador de salário mínimo. Apesar da escandalosa desigualdade presente no mercado de trabalho brasileiro, os interesses conservadores não têm a mínima vergonha e ética de atacar uma política moderada de salário mínimo, produto de um exercício democrático e republicano inédito.

Cabe perguntar se tais interesses aceitariam uma negociação tripartite da política de salário mínimo como parte de uma política distributiva ampla, concordando com a abertura da caixa de pandora do patrimonialismo e de benesses que organiza a dinâmica da riqueza na sociedade brasileira. Seria uma grande oportunidade para mostrarem seu real comprometimento com a democracia e o desenvolvimento socioeconômico do país.

---

**CLAUDIO SALVADORI DEDECCA**, 57, é professor titular da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) nas áreas de estudo do trabalho e de política social. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## **O efeito balão (DRAUZIO VARELLA)**

**QUANDO** você aperta um lado do balão de gás, ele incha do outro. Assim acontece com o tráfico de drogas, tema de três reportagens da revista "The Economist", que tomo a liberdade de resumir e comentar. Com a ajuda bilionária dos Estados Unidos, o cerco ao plantio de coca na Colômbia, conduzido nos anos 1990 e 2000, reduziu a produção no país. Graças ao efeito balão, no entanto, as plantações se deslocaram para Bolívia e Peru, o maior produtor atual.

Pelo mesmo efeito, os laboratórios de refino foram transferidos para Equador e Venezuela, mudança que permitiu às quadrilhas mexicanas conquistar parte substancial do mercado americano e europeu. Por sua vez, a repressão sangrenta contra as gangues mexicanas dos últimos anos desviou a rota para a América Central. Honduras se tornou a porta de entrada para os aviões pequenos, de onde os carregamentos seguem por via terrestre na direção do México e Estados Unidos. A Honduras de hoje convive com o índice de homicídios mais alto do mundo.

No ano passado, a pressão sobre os hondurenos cortou 30% das aterrissagens clandestinas. Os traficantes encontraram mais facilidade de transporte por barcos que partem da Venezuela para aportar na República Dominicana, Trinidad e Jamaica. Atacar as quadrilhas num país não causa apenas derramamento de sangue no local, as mortes são exportadas para outras regiões. A repressão na Colômbia é responsável por metade dos assassinatos no México. O impacto das apreensões é contraditório: a oferta diminui e o preço aumenta, oportunidade que atrai bandidos mais violentos.

É ilusório imaginar que a prisão dos barões da droga desarticularia o mercado. Eles são homens experientes, dispostos a resolver conflitos na mesa de negociações, enquanto os mais jovens que disputarão seus lugares tentarão fazê-lo dizimando os concorrentes. Quando uma quadrilha domina as demais, seu poder de corromper e de intimidar a população é tão grande que fica difícil desalojá-la. Mesmo se for eliminada, os armamentos deixados para trás e a rede de corrupção organizada persistirão por muito tempo.

As campanhas educativas e a baixa qualidade das drogas oferecidas têm feito declinar o número de usuários de cocaína e heroína, na Europa e nos Estados Unidos. Fenômeno semelhante talvez esteja acontecendo no Brasil. Não há razões para otimismo, no entanto: as drogas sintéticas invadiram o mercado. Segundo o último relatório do "Office on Drugs and Crime", da ONU, surgiram 348 novas drogas psicoativas sintéticas, quase todas no período de 2008 a 2013. Entre elas, 110 canabinoides, com efeitos mais nocivos e mal conhecidos que mimetizam os da maconha, além de estimulantes como a metanfetamina (que tem ocupado o lugar da heroína na Europa), a mefedrona (droga barata vendida pela internet, que o usuário chega a injetar nos músculos mais de 20 doses por dia) e a quetamina, popular entre os jovens argentinos, causadora de mais dependência e efeitos colaterais do que o ecstasy.

A síntese desses compostos químicos em pequenos laboratórios junto aos centros consumidores elimina a necessidade de percorrer distâncias continentais para chegar ao usuário, pulveriza a produção, dificulta o trabalho policial e traz as disputas territoriais para a vizinhança. Enquanto a medicina adquiriu larga experiência com a maconha, cocaína e heroína, drogas do passado, não fazemos ideia das consequências para o organismo do uso prolongado desse arsenal sintético.

Na impossibilidade de dar fim às drogas, a única justificativa para insistir na guerra contra traficantes e usuários é a de reduzir a oferta para aumentar o preço no varejo, com a intenção de reduzir o consumo. É uma pretensão simplista com resultados pífios: apesar dos custos sociais, da violência urbana, das cadeias abarrotadas e dos bilhões de dólares investidos, o consumo cresce no mundo inteiro.

O que falta para nos convenceremos de que esse modelo de enfrentamento é ridículo, caro e ineficiente? Legalizar não significa liberar o consumo indiscriminadamente. É desenvolver estratégias para discipliná-lo, ajudar os usuários que desejam se livrar da dependência e tirar o poder das mãos dos criminosos.

---

**DRAUZIO VARELLA** é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro 'Estação Carandiru' (Companhia das Letras). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## **A Copa custou caro mesmo? (FERREIRA GULLAR)**

**NÃO HÁ** nenhum exagero em afirmar que o que pode acontecer, no Brasil, durante a próxima Copa do Mundo, é imprevisível. De fato, tudo pode acontecer, desde greves de transportes até tumultos na proximidade dos estádios, dificultando o acesso do público ou mesmo provocando a desistência daqueles que preferirem não pôr em risco sua integridade física.

Espero que nada disso aconteça, que o propósito dos vândalos não se realize, e o povo possa assistir aos jogos com relativa tranquilidade. É, sinceramente, o que desejo, mas, se é o que vai acontecer, não sei nem ninguém sabe. O governo do PT deve estar perplexo diante do que poderá ocorrer e, quem sabe, lamentando a jogada de Lula de trazer a Copa para o Brasil a qualquer preço. E não apenas isso: alcançado esse objetivo, inventou de fazê-la em 12 capitais, em vez das oito previstas pela Fifa. Claro, sua megalomania e seu projeto de poder não deixariam por menos.

O resultado foi o que se está vendo: estádios caríssimos, em cidades onde o público de futebol é escasso e que, passada a Copa, estarão sem a necessária utilização. O estádio de Brasília é um exemplo disso: custou mais de R\$ 1 bilhão e dificilmente terá público para encher a casa após a Copa. Isso sem falar no fato de que alguns desses estádios não estarão prontos e acabados, como era de se esperar, já que nenhum outro país dispôs de tanto tempo para se preparar para a Copa. Resultado da falta de seriedade com que são assumidas as tarefas importantes no Brasil de hoje, cujos cargos técnicos são ocupados por companheiros de partido sem competência para efetivamente exercê-los. Além disso, há ainda a corrupção, em função da qual as obras nunca terminam no prazo para que o seu custo possa ser duplicado, triplicado, quadruplicado.

Uma vergonha, no final das contas. Por isso mesmo têm razão os que saem às ruas para protestar contra a dinheirama despendida com as reformas e a construção de novos estádios para a Copa do Mundo. Afirmam que, em vez de gastar bilhões de reais nessas obras, o governo deveria gastá-los com a educação, a saúde e a infraestrutura. Acudado, lançou mão de um argumento aparentemente irrefutável. Mandou um alto funcionário seu declarar que, comparado com os recursos que o governo destina à educação, os gastos com a Copa do Mundo são insignificantes. Segundo ele, enquanto as despesas com o evento esportivo chegaram a R\$ 25,8 bilhões, para a educação foram destinados mais de 280 bilhões. Não há, portanto, do que reclamar.

Sim, aparentemente, não há. Sucede, porém, que não é essa a questão, ninguém disse que o governo gastou mais dinheiro com a Copa do que com a educação. O que se diz é que, num país onde a qualidade do ensino é lamentável, não tem cabimento gastar bilhões para construir estádios de futebol. Se é mesmo verdade que o governo federal destina aquela quantia à educação e, ainda assim, o ensino público é de péssima qualidade, das duas uma: ou essa quantia de reais não é ainda suficiente para atender as necessidades do ensino público, ou parte dela foi desviada da finalidade educativa a que se destinava.

O que é inegável - porque está todos os dias na imprensa e na televisão-- é a precariedade da rede escolar, com escolas ameaçando desabar e salas de aula infiltradas pela chuva. Isso sem falar nos casos em que nem escola existe, quando as aulas são dadas em choupanas ou telheiros por professoras que ganham um salário miserável, ou não ganham nada. É certo que nem tudo isso é responsabilidade do Ministério da Educação, mas tampouco pode ignorá-lo. Já os professores ganham tão mal que são obrigados a ensinar em vários colégios, quando não mudam de profissão para poder sustentar a família.

De qualquer modo, o que se sabe é que os professores ganham mal e que os alunos concluem o ensino fundamental mal sabendo ler e escrever. Essa é uma das razões por que a presidente Dilma Rousseff tem sido vaiada quando aparece em público em diferentes regiões do país. Por isso mesmo, duvido que ela compareça ao jogo inaugural da Copa, quando o Brasil enfrentará a Croácia.

---

**FERREIRA GULLAR** é escritor e publica artigo toda semana nesta publicação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## 'Mapa Dibujado por un Espía' (LUIZ FELIPE PONDÉ)

**LITERATURA** é um documento histórico? Para mim, a literatura é um documento antes de tudo porque "brota" do solo de uma época, dos modos de vida, das ansiedades, das práticas morais e políticas. Enfim, da "matéria social e psicológica" de quem escreve.

Entretanto, a verdade histórica é mesmo um drama. Existe "fato histórico"? Aliás, como nos ensinou George Orwell em seu brilhante "1984", podemos criar um passado (ou um presente) que não existe, a fim de fazer as pessoas esquecerem o que queremos que esqueçam ou acreditem no que queremos que elas acreditem. A nossa Comissão da Verdade está bem no olho do furacão deste debate. Professores de história ensinam o que querem, contanto que façam a cabeça dos alunos do jeito que querem.

Proponho que todo mundo que queira ter uma ideia do que foi e é Cuba, para além da propaganda ideológica ainda em curso em nossas terras neolíticas, leia Guillermo Cabrera Infante (1929-2005), escritor cubano, mais tarde naturalizado e radicado na Inglaterra devido aos conflitos com a ditadura cubana, "nuestra camarada". Entre vários títulos, leia "Mapa Dibujado por un Espía", da editora de Barcelona Galaxia Gutenberg, de 2013 ("mapa desenhado por um espião", numa tradução direta). Creio, ainda sem publicação no Brasil.

O livro, publicado postumamente por sua mulher Miriam Gómez, é um documento do ano de 1965 em Havana. Os especialistas discutem se teria sido escrito em 1973 ou antes. Antoni Munné, que faz o prefácio desta edição, suspeita, devido a inúmeros detalhes biográficos de Cabrera Infante, que é mais provável que tenha sido escrito antes de 1968. O autor, que vivia então na Bélgica como funcionário diplomático, volta a Havana (cidade profundamente amada por ele) devido à morte de sua mãe. E aí começam suas agruras. O livro pode ser lido pelo viés de como Cabrera Infante passa esses quatro meses e pouco em Havana, sem conseguir sair, dormindo com inúmeras mulheres. Mas pode ser lido também como um documento do dia a dia de seus amigos, sua família e dele mesmo.

Uma coisa que chama atenção é o progressivo sistema de controle do comportamento que a ditadura cubana cria por meio de seu Ministério do Interior e seu departamento de "lacrás sociales" (vícios sociais). Por exemplo, suspeitos de homossexualidade eram acompanhados diariamente porque eram considerados praticantes de vícios burgueses. Para os revolucionários, os gays eram uma doença social, não muito diferente do entendimento que alguns pentecostais famosos no Brasil têm dos gays. Cabrera Infante é retirado do avião quando ia voltar para Bruxelas, sem que uma razão seja dada, apenas ordem do Ministério do Exterior (Minrex), no qual ele trabalhava.

Meses passam sem que tenha qualquer resposta da razão de ele ter sido tirado do avião. Ele vai inúmeras vezes ao ministério, mas sem que seja atendido pelas autoridades revolucionárias. Assim é sua aventura kafkiana. Regimes burocráticos movidos pela certeza de representar o "bem social" costumam ser inacessíveis. Num diálogo especialmente elucidativo, o autor ouve de uma alta patente revolucionária, Haydée Santamaría, qual o entendimento da revolução com relação aos seus supostos 15 mil inimigos presos: "La Revolución no cuenta a sus enemigos sino que acaba con ellos". Todos os movimentos socialistas que começam dizendo que amam a liberdade, a democracia e a justiça social acabam matando todo mundo que discorda deles.

A comida era pobre (basicamente vegetais) e repetida. Todo dia a mesma coisa. Faltava água (banhos eram uma raridade) e apenas a aristocracia revolucionária tinha acesso a carne e luxos semelhantes. A medicina, um lixo, como é até hoje. Café, uma festa! "Radiolas" não funcionavam por falta de baterias (pilhas). Ninguém confiava em ninguém. O regime chegou a pensar em retirar o pátrio poder das famílias e fazer das crianças "filhos da revolução". Enfim, o horror que quem conhece a história do século 20 sabe, mas que começa a ser omitido para os alunos em suas aulas de história no Brasil.

---

**LUIZ FELIPE PONDÉ** é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). [ponde.folha@uol.com.br](mailto:ponde.folha@uol.com.br). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## O sujeito detestável (GREGORIO DUVIVIER)

**O SUJEITO** detestável encostou seu enorme jipe de guerra, construído para desbravar dunas e abrir trilhas no mato, na traseira do meu carro minúsculo e começou a buzinar. Não entendi o que ele queria. O sinal estava fechado. Ele começou a gritar que eu era uma "bicha velha", e eu fiquei sem entender porque eu não sou bicha nem velha, mas adoro bichas e adoro velhas e não entendi por que é que ele odeia bichas e velhas a ponto de achar que isso vai ofender alguém.

Como o "bicha velha" não surtiu o efeito desejado, ele disse que eu estava cometendo uma falta de civilidade. "Do que você está falando?" Ele falou que o espaço que havia entre o meu carro e o carro da frente era enorme. Olhei para frente. Três metros me separavam de um caminhão. Achei uma distância segura e razoável. O sujeito detestável berrou que sua mãe estava doente, gritou que eu era uma "vedete" (sic) que me achava melhor do que os outros, mas eu não consegui entender qual era a relação disso tudo com a distância que eu tomava para o carro da frente. Ele saiu do carro dele com a intenção de me bater. O sinal abriu. Acelerei.

Uma outra vez, há muito tempo, abri a porta do carro sem checar se vinha alguém. Vinha uma moto, em alta velocidade. O motoqueiro desviou da minha porta e caiu no chão, arrastando a perna no asfalto. Se viesse um carro na outra pista, ele teria morrido. Se ele andasse armado, teria me matado. A moto estava por cima do corpo dele. Só conseguia pensar: "matei alguém". As pessoas começaram a se aglomerar e tomar partido. "Eu vi! O cara abriu a porta do carro sem olhar pra trás". O júri popular já estava me condenando por homicídio culposo quando a vítima se levantou do chão com a roupa toda rasgada e disse: "Calma, gente". "Você tá bem?", perguntei. "Tô andando, tô no lucro", ele disse.

Dei meu telefone para reparar os estragos. Ele me ligou na semana seguinte para dizer que eu não precisaria pagar nada, porque ele não iria consertar a moto. "Foi só um arranhãozinho." "E suas roupas?", perguntei. Ele respondeu que já eram velhas mesmo. Fiquei esperando o esporro que eu merecia levar. Nada.

Tem vezes em que a vida te dá um vale-esporro. Um acidente em que você não tem culpa. Um serviço mal prestado. A doença da sua mãe. OK, você pode ser detestável. Mas o direito de ser detestável não te obriga a sê-lo. Abrir mão do direito de ser detestável: não há nada mais adorável.

---

**GREGÓRIO DUVIVIER** é ator e escritor. Também é um dos criadores do portal de humor Porta dos Fundos. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## **A maconha e o mito do prazer inofensivo (CRISTIANE SEGATTO)**

**O que se sabe hoje sobre os danos e o potencial medicinal da droga, segundo uma das maiores especialistas do mundo.**

**A PSIQUIATRA** Nora D. Volkow, diretora do Instituto Nacional sobre Abuso de Drogas dos Estados Unidos, acaba de prestar mais uma contribuição a um dos debates quentes e atuais na fronteira tênue entre saúde e justiça. Num momento em que tantos países – entre eles, o Brasil – discutem os prós e contras da legalização da maconha (para uso medicinal ou recreativo), Nora reuniu num artigo científico o conhecimento mais atualizado sobre os efeitos da droga.

Está lá um bom resumo do que se sabe hoje sobre os danos provocados pela maconha e sobre os possíveis benefícios no tratamento de doenças. O trabalho foi publicado ontem (05/06) no ***New England Journal of Medicine***. Nesta coluna, destaco as principais conclusões da equipe de Nora, uma das mais respeitadas pesquisadoras sobre drogas em todo o mundo.

### **DEPENDÊNCIA**

Cerca de 9% daqueles que experimentam maconha vão se tornar dependentes. Entre os que fumam maconha todos os dias, a taxa de dependentes chega a 50%. Um em cada seis garotos que começam a usar a droga na adolescência se torna dependente. A probabilidade de apresentarem sintomas de dependência dois anos após a primeira experiência é até quatro vezes mais elevada que a verificada entre os que começam a usar a droga na idade adulta.

### **DESENVOLVIMENTO DO CÉREBRO**

O uso de maconha na adolescência é a grande preocupação dos especialistas. O desenvolvimento do cérebro só fica completo por volta dos 21 anos. Antes disso, ele é altamente vulnerável a agressões ambientais, como a exposição ao tetrahidrocanabinol (THC), um dos principais componentes da maconha.

### **SAÚDE MENTAL**

Em vários estudos, o uso regular da droga foi associado a um risco mais elevado de desenvolvimento de ansiedade e depressão. Ainda não foi possível estabelecer uma relação de causa e efeito. Não se sabe se a maconha é, de fato, a causa dessas doenças. A droga também parece aumentar o risco de psicoses (entre elas, a esquizofrenia). Isso ocorre, em especial, entre as pessoas que já têm uma predisposição genética à doença. Em pessoas com esquizofrenia, a droga pode exacerbar a doença. Um estudo demonstrou que o uso regular de maconha pode antecipar o primeiro surto em até seis anos.

### **DESEMPENHO ESCOLAR**

A droga pode provocar falhas de memória que dificultam o aprendizado e capacidade de reter informações. Alguns estudos demonstram que os dependentes de maconha têm pior desempenho escolar e maior probabilidade de abandono dos estudos. Pode ocorrer também um déficit cognitivo. O QI (coeficiente de inteligência) dos que fumaram maconha com frequência durante a adolescência tende a ser mais baixo.

### **ACIDENTES DE TRÂNSITO**

A exposição imediata ou frequente à maconha prejudica as habilidades motoras e aumenta o risco de acidentes de trânsito. Nos Estados Unidos, a maconha é a droga ilícita mais frequentemente associada a desastres nas ruas e estradas.

### **CÂNCER E OUTRAS DOENÇAS**

O risco de tumores malignos em pessoas que fumam maconha continua não esclarecido. As evidências disponíveis sugerem que o risco de câncer é maior entre os que fumam tabaco. A maconha pode provocar inflamações nas vias aéreas e doenças crônicas como bronquite. A droga também tem sido associada a um risco mais elevado de problemas vasculares que podem provocar infarto e acidente vascular cerebral (AVC). Essa relação é complexa e ainda não está completamente esclarecida.

Como se vê, a crença de que fumar maconha é um prazer inofensivo não passa de mito. As evidências mais atuais reunidas por Nora podem contribuir para o debate sobre o uso recreativo da droga. Há um segundo debate, ainda mais doloroso, sobre o uso da maconha para fins medicinais.

Atualmente a importação de remédios feitos a partir de componentes da maconha não é liberada no Brasil. Só pode ocorrer com autorização judicial. Famílias de pacientes que sofrem com doenças graves (como epilepsia resistente a qualquer medicamento convencional) depositam esperança no tratamento com produtos como o spray Sativex, do laboratório britânico GW Pharmaceuticals.

As famílias tinham a expectativa de que a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) liberasse a importação de medicamentos como esse. No dia 29, a Anvisa decidiu adiar a decisão. É possível que a liberação de importação não saia tão cedo.

"No mercado, não há remédio só à base de canabidiol", disse Dirceu Barbano, diretor-presidente da agência. "Mesmo que o canabidiol seja aprovado, as pessoas não poderão importar os medicamentos porque eles têm, em sua composição, outras substâncias proscritas." É o caso do Sativex. Além do canabidiol (CBD), ele contém THC.

Segundo Barbano, a agência não tem informações suficientes sobre os efeitos colaterais que o canabidiol possa provocar. "O CBD tem sido usado no Brasil em crianças e nós não detemos informações na literatura de qual é a consequência orgânica do uso de médio e longo prazo por crianças de diferentes idades. É dever da Anvisa evitar os efeitos colaterais e alertar sobre os riscos".

No artigo publicado ontem, Nora relaciona o conhecimento mais recente sobre o papel da maconha no tratamento de doenças. Um resumo:

### **ESCLEROSE MÚLTIPLA**

O spray oral Sativex, uma mistura de THC e CBD, demonstrou ser eficaz no tratamento da esclerose múltipla, da dor neuropática e de distúrbios do sono. Está disponível no Reino Unido, no Canadá e em outros países. Nos Estados Unidos, ainda não recebeu a aprovação da FDA, a agência que controla medicamentos.

### **GLAUCOMA**

Há evidências de benefícios da maconha em pacientes com glaucoma, uma doença associada ao aumento da pressão no olho. A droga reduz a pressão intraocular, mas o efeito é transitório. Tratamentos convencionais já existentes são mais eficazes. A discussão persiste e outros estudos são necessários.

### **NÁUSEAS**

Ajuda a combater náuseas provocadas pela quimioterapia. Foi um dos primeiros usos médicos do THC e outros canabinóides.

### **ANOREXIA**

Relatos médicos indicam que a maconha melhora o apetite e favorece o ganho de peso em pessoas com aids. Faltam estudos de longo prazo que justifiquem a adoção de maconha por pacientes que tomam drogas contra o HIV.

### **DOR CRÔNICA**

A maconha é usada há séculos para aliviar a dor. Tanto a maconha quanto o dronabinol, uma formulação farmacêutica à base de THC, são capazes de reduzir dores. O efeito proporcionado pelo dronabinol mostrou-se mais prolongado.

### **INFLAMAÇÃO**

Os canabinóides (THC e canabidiol) têm efeito antiinflamatório. O canabidiol tem atraído especial interesse como tratamento porque não provoca efeitos psicoativos. Estudos com animais revelaram que o canabidiol pode se tornar um recurso promissor contra a artrite reumatoide e doenças intestinais inflamatórias, como colite e doença de Crohn.

### **EPILEPSIA**

Uma pequena pesquisa realizada com pais de crianças que sofrem convulsões frequentes, publicada no ano passado, trouxe alguns dados. Participaram apenas 19 famílias que trataram os filhos com maconha com alto teor de canabidiol. Duas famílias (11% da amostra) declararam que a criança ficou completamente livre de convulsões. Oito famílias (42%) observaram redução superior a 80% na frequência das crises. Seis famílias (32%) notaram redução de até 60% na frequência dos episódios.

Embora esses relatos sejam promissores, faltam informações sobre a segurança e a eficácia do uso de maconha no tratamento da epilepsia. Em animais, há cada vez mais evidências da contribuição do canabidiol como um agente antiepiléptico. Diante do sofrimento de um filho, as famílias têm pressa. É compreensível que se sintam inconformadas com os trâmites burocráticos e as intermináveis reuniões das autoridades sanitárias.

A sociedade brasileira também tem pressa. Quer uma solução eficaz de combate ao tráfico de drogas. A legalização da maconha é defendida por gente séria e bem intencionada. O erro é tentar minimizar os danos à saúde que o fácil acesso à droga pode acarretar. A maconha consumida hoje não é a mesma dos anos 60. A potência da droga (o conteúdo de THC) verificada em amostras confiscadas pela polícia americana não para de crescer. Nos anos 80, era de 3%. Em 2012, chegou a 12%. Não há razão para acreditar que a droga disponível no Brasil seja menos perigosa.

A maior permissividade cultural e social em relação à maconha aumentará o número de adolescentes expostos regularmente à droga? No caso de uso generalizado de maconha, quais serão os efeitos do fumo passivo? Ninguém sabe. "O efeito de uma droga (legal ou ilegal) sobre a saúde individual não é determinada apenas por suas propriedades farmacológicas", escreveu Nora. "Ela é determinada, também, pela sua disponibilidade e aceitação social."

O tabaco e o álcool oferecem uma boa amostra do que pode acontecer. Juntos, eles respondem pela maior carga de doenças provocadas por drogas. Não porque eles sejam mais perigosos que as drogas ilegais, mas porque o status de droga legal aumenta a exposição da população a elas. Estamos dispostos a pagar para ver com a moeda do desenvolvimento saudável?

---

**CRISTIANE SEGATTO** é Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Março de 2014.**

## O ASSUNTO É A COPA DO MUNDO

### Ainda dá tempo de ganharmos com a Copa (ROBERTO JUSTUS)

**COMO TODO** brasileiro que ama futebol, fiquei emocionado ao ver o Brasil vencer a disputa para sediar a Copa do Mundo. Mas a emoção acabou virando um misto de tristeza e frustração. Tristeza pelos caminhos que a percepção do evento tomou, e frustração pela quebra de expectativas de uma oportunidade única que estamos prestes a perder.

Em nove dias, não vamos resolver os atrasos das obras prometidas pelo governo nem o provável superfaturamento dos gastos. Mas ainda dá tempo para capitalizar em cima do investimento já realizado, evitando que a marca Brasil entre na UTI. Para isso, temos que encarar os fatos: teremos um legado - menor do que o previsto, mas teremos; o Mundial não é o nosso vilão - infelizmente, a maioria dos nossos problemas tem origem nas urnas; e as manifestações contra a Copa estão prejudicando muito mais o trabalhador, que, assim como o evento, não tem culpa da falta de princípios éticos de alguns políticos.

O grande argumento dos contrários ao Mundial é que esse dinheiro poderia ser usado para coisas mais importantes. A **Folha** mostrou que os gastos da Copa somam R\$ 25,8 bilhões, ou 9% das despesas públicas com educação e 12% com saúde em apenas um ano. Mesmo sendo contra comparações com direitos básicos, alguém acredita que, sem o Mundial, a realidade dos hospitais e escolas públicas seria diferente? Por mais que nos doa, sabemos que não. Graças ao evento, milhares de empregos foram gerados, obras de infraestrutura aceleradas, aeroportos reformados e o país do futebol, finalmente, ganhou arenas multiuso espetaculares. E o melhor ainda pode estar por vir. Teremos mais de 3,6 milhões de turistas, brasileiros e estrangeiros, circulando pelas cidades-sede, conhecendo nossa diversidade cultural, nossas belezas naturais e, sobretudo, movimentando a economia em R\$ 7 bilhões.

Teremos 3,6 bilhões de espectadores no mundo todo conectados com o nosso país. Uma audiência que, arrisco dizer, dificilmente se repetirá nas próximas décadas. O ganho para a imagem dos Estados-sede e para a marca Brasil, em mídia espontânea, deverá ultrapassar alguns bilhões de reais. O impacto dessa visibilidade dependerá de nós. Até agora, as repercussões negativas têm sido assustadoras. Temos que mudar isso e aproveitar a oportunidade única para fazer bonito, dentro e fora das novas arenas.

Então, por que estamos contra o evento? Por que vibramos com as falhas e escândalos como se isso significasse uma redenção? Por que apelamos para o mantra "Imagine na Copa" cada vez que vemos algo errado? Por que não temos a capacidade de sentir orgulho do que foi feito, e não apenas do que pretendemos fazer? Nossas causas não podem ser efêmeras para que nossas conquistas sejam perenes. Queremos um Brasil honesto e competente, mas não é aproveitando o evento para obter vantagens ocasionais que vamos construir o futuro. Às vésperas da abertura, nada é mais importante para o país do que ampliar seu amor-próprio e pensar grande.

Antes de sentir vergonha, vamos mirar o que ainda podemos fazer. Afinal, temos a honra de sediar uma Copa. Qualquer nação adoraria estar no lugar do Brasil. Vamos resolver questões prioritárias para todos nós nas eleições, em vez de culpar a Copa e paralisar o país em um momento tão importante. Agora é focar o que deu certo e extrair o melhor do que ainda temos pela frente.

Para sediar a Copa, fomos para o ataque e vencemos com a maior alegria. Para ganhar com a Copa, estamos na defesa e aproveitando para tirar vantagem do presente. Por isso, podemos perder uma grande chance de brilhar para o mundo, não apenas como mestres do esporte, mas como donos de nosso próprio destino. Afinal, mesmo que não sediássemos a Copa, isso não significaria que o Brasil estaria melhor.

Há uma grande diferença entre ganhar a Copa e ganhar com a Copa. Para ganhar a Copa, precisamos disputar sete jogos. Para ganhar com a Copa, precisamos ao menos cuidar do que ainda podemos mudar: o futuro da marca Brasil.

---

**ROBERTO JUSTUS**, 59, publicitário, é presidente do Grupo Newcomm e apresentador de televisão. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## O ASSUNTO É A COPA DO MUNDO

### Já somos hexa! (CHICO ALENCAR)

**FUTEBOL** é jogo coletivo que pede habilidade individual. É balé um tanto bruto, duelo com regras, onde o derrotado de hoje pode ser o vencedor de amanhã. Metáfora da vida, o futebol é o esporte mais popular no Brasil. Podemos ganhar a Copa do Mundo pela sexta vez.

Mas há um deplorável hexacampeonato já conquistado na preparação do megaevento. A Copa do Mundo Fifa 2014, "pessoa jurídica de direito privado", segundo o art. 1º da lei nº 12.663/12, é um estatuto da submissão aprovado pelo Congresso Nacional há dois anos. Seis "títulos" mundiais nos deslustram. Ficamos em dramático primeiro lugar mundial em acidentes de trabalho. Nada menos que nove operários morreram -na África do Sul foram dois - em tragédias evitáveis, nas obras em Manaus, Cuiabá, SP e Brasília. Faltaram análise de risco, fiscalização, equipamentos de proteção. Jogada ilegal, de efeito letal.

Somos os campeões nos gastos públicos. Foram R\$ 25 bilhões oriundos de empréstimos do BNDES, Caixa Econômica, Banco do Brasil, bancos estaduais e de recursos orçamentários da União, dos Estados e dos 12 municípios que sediarão jogos, a despeito de tantas carências. O discurso oficial era de que a iniciativa privada bancaria praticamente tudo. Gol contra. Garantimos para a empresa Fifa os mais altos lucros de sua existência: a entidade transnacional, que já arrecadou com a Copa das Confederações 7,4% a mais do que na própria Copa da África do Sul, estima ganhos superiores a R\$ 9 bilhões para este ano. Sem falar nos incontáveis privilégios comerciais assegurados pela Lei Geral, que criou um Estado Futebolístico de Exceção. O "juiz" - Executivo e Legislativo - influenciou muito o resultado final.

Construímos o maior conjunto de elefantes brancos da história dos Mundiais. É improvável o uso permanente das suntuosas e elitizadas arenas onde os campeonatos de futebol têm pouco público, como no Mato Grosso, Amazonas, Rio Grande do Norte e Distrito Federal. No Rio, com o Maracanã reformado para os Jogos Panamericanos de 2007 praticamente reconstruído, a "interdição" do Engenho foi providencial para que os clubes fechassem contratos com o consórcio controlador do ex-Maior do Mundo. Impedimento não marcado.

Mobilizamos o maior contingente repressivo de todos os torneios: serão 57 mil soldados das Forças Armadas e 100 mil policiais federais, militares e civis estaduais, além de guardas municipais. O custo de tanta "proteção", em especial nos "locais oficiais de competição", onde a Fifa exercerá seu "protetorado", é de quase R\$ 2 bilhões. Retranca total. Fraudamos as promessas do legado social. A avassaladora onda publicitária para o evento já não fala mais de herança em equipamentos públicos. Os milhares de removidos de suas casas são um legado... antissocial! Os investimentos em mobilidade urbana foram reduzidos em 60%. Frustração similar à da perda do campeonato de 1950...

Uma Copa mais do "business" que do futebol decepciona. Em abril, o Datafolha aferiu que 55% não viam vantagens para o país na realização do torneio. Futebol é paixão, mas esses tristes recordes devem provocar reflexão. É urgente mudar nossa tática para ganharmos a taça da redução da desigualdade e um título inédito em prioridade social e ética pública.

---

**CHICO ALENCAR**, 64, é professor de história e deputado federal (PSOL-RJ). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

### A escolha certa (ROSELY SAYÃO)

**DIVERSAS** mães estão em busca da primeira escola para o filho e têm dúvidas sobre o que procurar e o que priorizar. Você sabe, caro leitor, como funciona atualmente a busca por escola para os filhos? Em geral, os pais procuram por escolas bem avaliadas por conhecidos - que têm ou tiveram os filhos nessa escola - ou por avaliações formais, dessas que resultam em rankings publicados pela imprensa.

Após fazerem uma lista das que consideraram as mais interessantes, visitam todas elas. E aí é que vem a parte pior: escolher só uma. Os pais sabem que não existe escola perfeita, mas querem acertar. Por isso, investigam muito: pedem orientações a profissionais da área, procuram informações na internet e até leem artigos e livros em busca de mais conhecimento. O que eles ganham, porém, são mais e mais dúvidas, por diversos motivos: as ciências da educação têm diversas vertentes, muitas vezes antagônicas entre si; as escolas seguem mais a tradição e os anseios sociais que lhes rendam alunos do que as novas teorias da educação; e há muitas posições diferentes sobre primeira infância e a escola.

Algumas mães têm me enviado questões muito interessantes em relação a esse assunto e que valem uma boa conversa. Começo pela pergunta aparentemente simples e direta de uma leitora: "O que é uma escola alternativa?" Talvez essa palavra tenha começado a ser usada para qualificar escolas que se propunham a ser uma opção à escola tradicional, ou seja, que praticavam métodos novos e que se organizavam de modo diferente do já conhecido sistema escolar. Mas, pouco a pouco, a palavra ganhou um tom pejorativo. Hoje, quando se quer fazer referência a alguma escola um pouco diferente, mas à qual não se dá muito crédito, usamos a palavra "alternativa".

Escolas alternativas, no sentido original do termo --que sejam, de fato, uma substituição ao modelo tradicional de organização e de ensino -, temos poucas. Por isso, talvez essa característica nem deva contar para quem está na batalha para escolher uma boa escola. Outra leitora fez uma observação muito perspicaz: disse que tudo o que encontrou a respeito de escola para os primeiros anos de vida foi a ênfase no brincar, mas que todas as que visitou não dão valor a isso.

É verdade: a brincadeira virou estratégia pedagógica. E é assim que se acaba com ela. Brincar não pode ter objetivo, como brincar de amarelinha para aprender números ou pular corda para aprimorar a motricidade. O brincar é livre e busca o prazer e o entretenimento, mas provoca efeitos colaterais: aguça a curiosidade, estimula a investigação e a experimentação, intensifica a criatividade e amplia o conhecimento do mundo em todos os sentidos.

A brincadeira burocratizada, domesticada, pedagogizada, não serve para nada mais do que aborrecer a criança. E é esse tipo de brincadeira que a maioria de nossas escolas de educação infantil pratica. As leitoras detectaram uma questão crucial em nossas escolas de educação infantil: em nome da preparação para o futuro, elas empobrecem a infância. A melhor maneira de preparar a criança para um futuro melhor é cuidar bem do presente dela. Criança pequena, na escola, precisa ser tratada como criança pequena, e não como um futuro adulto.

---

**ROSELY SAYÃO** é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## Feitiços do Tempo (CONTARDO CALLIGARIS)

"FEITIÇO DO TEMPO" (1993), de Harold Ramis, é um de meus filmes-feitiço, que não são necessariamente obras-primas: são os que não posso me impedir de rever até o fim, a cada vez que, zapeando, esbarro neles. Por que será que "Feitiço do Tempo" me imobiliza, de olhos abertos, na cama ou na poltrona, até de madrugada? Já me apaixonei várias vezes por Andie MacDowell, mas isso não seria suficiente: o que me pega, no filme, é a história.

O protagonista, Phil Connors, fica bloqueado no tempo, revivendo o mesmo dia durante anos. Ele pode adormecer à noite, morrer ou suicidar-se, tanto faz: ele sempre acorda na mesma hora da manhã do mesmo dia - que os outros revivem como se fosse a primeira vez, enquanto ele sabe que o tempo está emperrado. O novo filme de Doug Liman, "No Limite do Amanhã", em cartaz agora, talvez se torne, para mim, outro filme-feitiço, e não só pelas suas (grandes) qualidades cinematográficas. Aparentemente, deixo-me enfeitiçar pelos filmes em que o tempo enfeitiça o protagonista e o força a recomçar o mesmo dia (assim como eu sou compelido a rever o filme, aliás).

Nenhum spoiler: está tudo no trailer de "No Limite do Amanhã". O tenente-coronel Bill Cage vive uma situação análoga à de Phil Connors em "Feitiço do Tempo": sua morte o manda de volta à manhã anterior. Como Connors, Bill Cage tenta melhorar seu dia, para encontrar um desfecho que faça avançar o tempo. Se os dois filmes me enfeitiçam, é porque eles são menos fantásticos do que parece. É bem possível que vivamos todos, quase sempre, numa constante repetição, que, por não ser o retorno do exatamente idêntico, passa despercebida. Como sair disso? Como evitar a sensação de estarmos sempre vivendo o mesmo dia?

Jacques Lacan, o psicanalista francês, considerava que os atos, numa vida e na história coletiva, são raros. De fato, o que domina a vida e a história é a repetição. Um ato não é apenas algo inédito (muitas novidades são repetições disfarçadas), mas algo que nos transforma radicalmente, que produz (inclusive em nós mesmos) um novo sujeito. Qualquer um pode passar a vida inteira sem produzir ato algum, só cumprindo o que lhe era destinado, só preenchendo as expectativas do mundo.

Cuidado: o parágrafo que precede acarreta um juízo de valor implícito. Ele transmite a sensação imediata de que a vida repetitiva seja ruim; nesse quadro, o ato seria quase uma obrigação moral. Aparentemente, é preciso e é bom não deixar passar a ocasião de sair da repetição. De onde nos vem essa urgência de quebrar o feitiço do tempo? A novidade é um valor crucial para a modernidade. E, como qualquer valor, ela se torna um imperativo: renove-se, invente-se a cada dia. Desconfiamos do conformismo e prezamos o gesto de mudança e de ruptura - "revolucionário" se torna uma qualidade, mesmo sem saber de qual revolução se trate. Claro, se a novidade e a mudança são valores, a repetição só pode ser aflitiva - a continuidade é uma chatice: o que importa nela é a procura de um ato que empurre o tempo e nossa vida para frente.

Mas como a novidade e a mudança se tornaram valores? Talvez seja porque a modernidade valoriza o indivíduo mais do que a comunidade. Ora, a comunidade se afirma na repetição: rituais, tradições coletivas, uniformes etc. garantem que ela viva mais do que o indivíduo. O indivíduo, ao contrário, afirma-se na singularidade de sua experiência, na capacidade de se inventar contra as regras e o destino comuns. Em suma, há culturas (como a nossa) em que o valor supremo é fazer uma diferença, e outras (como a nossa, antes da modernidade), em que cumprir o destino é o valor supremo e reviver sempre o mesmo dia poderia ser um ideal.

O engraçado é que receamos desperdiçar a vida na repetição, mas também temos nostalgia de um mundo dominado pela repetição, sem a obrigação angustiante de encontrar um ato transformador - são nossos sonhos de saída do mundo, de descanso e aposentadorias campestres e praianos, por exemplo.

Um paciente chega e anuncia triunfante: "Tenho uma novidade". Será que ele pensa que qualquer novidade seja boa, por ser novidade? Ou será que ele se envergonha da repetição, que lhe parece tornar sua vida trivial, indigna de ser vivida e contada? Qual seria a cura? A descoberta da novidade certa ou a descoberta de que a repetição é digna de ser vivida?

---

**CONTARDO CALLIGARIS**, italiano, é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**

## **Bem-vindo ao trans-humanismo (MARCELO GLEISER)**

**COMO** definir um ser humano? É o corpo? O jeito de ser? A capacidade autorreflexão, de compaixão? A mente? Talvez todas essas coisas e outras mais? O que parece óbvio para a maioria das pessoas vai ficar cada vez menos, com o avanço da nossa relação mais simbiótica com aparelhos e instrumentos.

Trans-humanismo é definido como a possibilidade de a raça humana evoluir além de suas limitações mentais e físicas, especialmente por meio da intervenção da ciência e da tecnologia. Pode parecer coisa de ficção científica: pessoas com asas violetas ou capazes de levantar um carro com uma mão ou com uma memória prodigiosa. Se sua definição do que é ser humano é purista, ou seja, sem intervenção de fontes externas, é bom abrir os olhos: quase ninguém mais é.

Tomemos, por exemplo, os remédios. Se tomamos um remédio que muda nossa química, por exemplo, se temos depressão ou pressão alta, já não somos os mesmos. Somos produto de quem éramos mais o remédio. O trans-humanismo não aparece apenas no cinema; serve também para aliviar o sofrimento humano. Para muitos, essa é sua maior motivação. A apropriação pelo corpo da química farmacêutica muda nossa natureza. Mesmo vitaminas fazem a mesma coisa, mudando nossos corpos para termos um sistema imunológico mais resistente ou mais energia.

E quando começamos a adicionar partes extras ou próteses? Um atleta paraolímpico, se tem pernas feitas de fibras de carbono, deve competir com atletas normais? Na última Olimpíada, o sul-africano Oscar Pistorius fez parte do time de seu país. E se tivesse ganhado? Teria sido justo?

O ponto é que estamos já na era do trans-humanismo. Quem não toma remédios ou vitaminas certamente tem um celular. Esse aparelho é uma extensão de quem somos, que se tornou indispensável no cotidiano. Difícil imaginar que, não tanto tempo atrás, ninguém tinha celular. Esquecer o seu em casa é trágico, certo? É ficar desconectado, sem memória, sem calendário, sem notícias, sem e-mail, sem mapas, sem música, GPS etc. Todos esses aplicativos são extensões de nossas faculdades mentais, parte de quem somos, de como nos definimos. Não entrar no Facebook ou no Twitter é se desligar da realidade.

Isso porque nossa realidade também é trans-humana. Vivemos na era da informação de rápido acesso, conectados por vídeo com pessoas do outro lado do planeta, algo que para nossos avós seria magia negra. Estendemos nossa teia por todo o planeta e temos acesso a quantidades inimagináveis de dados. Nosso cérebro não é mais apenas o que está dentro do crânio, ele espalha seus tentáculos pelo mundo inteiro.

E no futuro? A tendência será trans-humanizar cada vez mais. E ficar menos humano. O que temos que mudar num indivíduo para que deixe de ser humano? Ou será que, com o avanço do trans-humanismo, essas perguntas não farão mais sentido? Seremos algo de novo, nos reinventando enquanto espécie.

---

**MARCELO GLEISER** é professor de física teórica no Dartmouth College, em Hanover (EUA), e autor de "Criação Imperfeita". Facebook: [goo.gl/93dHI](https://www.facebook.com/goo.gl/93dHI). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2014.**